



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP**

EVELYN ANDRADE DE MORAES

**SOBRE O RARO ENCONTRO DA FILOSOFIA PARA/COM
CRIANÇAS NOS CURSOS DE PEDAGOGIA**



ARARAQUARA - SP

2021

EVELYN ANDRADE DE MORAES

Sobre o raro encontro da filosofia para/com crianças nos cursos de pedagogia

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paula Ramos de Oliveira.

ARARAQUARA - SP

2021

M827o Moraes, Evelyn Andrade de
Sobre o raro encontro da filosofia para/com crianças nos
cursos de pedagogia / Evelyn Andrade de Moraes. --
Araraquara, 2021
84 f. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Paula Ramos de Oliveira

1. Educação. 2. Crianças e filosofia. 3. Professores
formação. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

EVELYN ANDRADE DE MORAES

Sobre o raro encontro da filosofia para/com crianças nos cursos de pedagogia

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paula Ramos de Oliveira.

Data da Defesa: 31/Agosto/2021.

Membros componentes da banca examinadora:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Lígia de Almeida Durante Correa dos Reis

Prefeitura de São Carlos

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus Araraquara

Dedico este trabalho à minha família, que tanto me apoiou em todos os momentos desde o início, me levantando nos momentos de fraqueza e me fortalecendo para chegar até esse momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus e também aos meus pais, Cristiane e Paulo, por terem me mantido firme ao longo de toda a trajetória escolar, não permitindo que em momento algum eu desistisse de lutar para alcançar o que sempre desejei.

Aos meus avós, Luzinete e Odair, por sempre me amarem incondicionalmente e me ampararem em momentos que tudo já parecia perdido.

À minha orientadora, Paula Ramos de Oliveira, por toda paciência, auxílio e humanidade que sempre se fizeram presentes em suas palavras e orientações.

Ao meu noivo André e minhas amigas Amanda, Luísa, Nayara e Priscila que me incentivaram ao longo do percurso acadêmico, me ajudando sempre da maneira que podiam.

“A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces.”

Aristóteles

RESUMO

A presente dissertação, intitulada “Sobre o raro encontro da filosofia para/com crianças nos cursos de pedagogia”, discute e ressalta a importância da filosofia para/com crianças na formação do(a) futuro(a) educador, tanto para o trabalho com as crianças quanto para sua formação pessoal. Para tal discussão, nos concentramos aos cursos de pedagogia de instituições públicas brasileiras. Dado o referido recorte, apresenta-se uma análise das ementas disponíveis da disciplina de filosofia para/com crianças de instituições públicas que a possuem em sua grade curricular, abarcando assim, as referências bibliográficas disponíveis sobre o tema para a argumentação da escrita aqui presente. A partir disso, conclui-se que a filosofia para/com crianças ainda é pouco institucionalizada dentro das universidades, entretanto, onde há essa institucionalização ela é reconhecida e, também através de programas e grupos de estudos, se torna notória no meio da educação.

Palavras-chave: Educação; crianças e filosofia; professores formação.

ABSTRACT

This dissertation, entitled "On the rare encounter of philosophy for/with children in pedagogy courses", discusses the importance of philosophy for/with children in the formation of the future educator, for working with children and their personal formation. We focus this dissertation on pedagogy courses from Brazilian public institutions. Given the above, an analysis of the available subjects of philosophy disciplines for/with children from public institutions with it in their curriculum, thus encompassing the bibliographical references available for the argumentation presented here. From this, it can be concluded that the philosophy for/with children is still institutionalized within universities, however, where there is this institutionalization, it is recognized not only by university, but also through programs and study groups in a way that it becomes notorious in education.

Keywords: Education, children and philosophy, teacher formation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBFC	Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças
CEFET	Centro Federal de Educação e Tecnologia
FpC	Filosofia para Crianças
GEPFC	Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia para Crianças
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
NEFI	Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PPFEN	Programa de Pós Graduação em Filosofia e Ensino
PPP	Projeto Político Pedagógico
SiSU	Sistema de Seleção Unificada
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPE	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRJ	Programa de Atenção Integral às Famílias
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UPE	Universidade de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Ementa da UERN.....	33
Tabela 2 Ementa da UFPE.....	37
Tabela 3 Ementa da UNESPAR.....	37
Tabela 4 Ementa da UFAL.....	38
Tabela 5 Ementa da UFRRJ.....	38
Tabela 6 Ementa da UFPE.....	39
Tabela 7 Ementa do IFSP.....	40
Tabela 8 Ementa da USP.....	40
Tabela 9 Ementa da UNESP.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. FILOSOFIA COM CRIANÇAS: PARA ESTUDANTES E DOCENTES.....	13
1.1 Que filosofia é essa?.....	15
2. FILOSOFIA COM CRIANÇAS: ENTRE AS ESCOLAS E AS UNIVERSIDADES.....	18
2.1 Por que filosofia com crianças nas escolas?.....	20
2.2 Por que filosofia com crianças nas universidades?.....	22
3 AS UNIVERSIDADES.....	33
3.1 Disciplinas de filosofia para crianças: conceito.....	38
3.2 Disciplinas de filosofia para crianças: da teoria à prática.....	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	48
Anexo A – Ementa da disciplina “Filosofia e Infância” - (UFAL).....	51
Anexo B – Ementa da disciplina “Tópicos Especiais em Educação III: Filosofia, Infância e Educação” (UFPE).....	52
Anexo C – Ementa da disciplina “Metodologia e prática do ensino de filosofia na educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental” (UPE).....	54
Anexo D – Ementa da disciplina “Filosofia para crianças dos anos iniciais” (UNESPAR).....	55
Anexo E – Ementa da disciplina “Filosofia com crianças” (UFF).....	56
Anexo F – Ementa da disciplina “Tópicos especiais em Filosofia para Crianças” (UFRRJ).....	57
Anexo G – Ementa da disciplina “Filosofia para Crianças” (IFSP).....	59
Anexo H – Ementa da disciplina “Filosofia para Crianças: Teoria e prática” (USP).....	62
Anexo I – Ementa da disciplina “Filosofia para Crianças” (UNESP).....	70
Anexo J – Ementa da disciplina “Filosofia para Crianças” (UNIRIO).....	76

INTRODUÇÃO

Início esse trabalho justificando o interesse pelo tema a ser discorrido a seguir. Nos anos de 2015 e 2016, ainda na graduação, participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde atuava com duas turmas de terceiro ano do ensino fundamental. No momento de decidir, juntamente à coordenadora do grupo, o que seria trabalhado durante o semestre, a mesma deu a ideia de que fizéssemos um trabalho de filosofia com crianças por meio dos livros “Minha Amiga Chapeuzinho” e “Chapeuzinhos Coloridos” e, assim como minha parceira de trabalho, fiquei animada e busquei informações sobre o que seria filosofia com crianças.

Diante dos resultados obtidos em minha pesquisa, encantei-me com o tema e pensava constantemente que aquilo deveria ser algo fundamental nas licenciaturas, pois dessa maneira, os futuros educadores teriam a possibilidade de explorar ainda mais seu potencial e, conseqüentemente, oferecê-lo aos seus alunos da melhor maneira.

A princípio, apresentamos os livros para as crianças e foi iniciado um diálogo para que expusessem suas percepções sobre como imaginavam que seria desenvolvido este trabalho e na aula seguinte foi lido o livro “Minha Amiga Chapeuzinho”, que, em minha percepção, teve um papel bastante impactante nas crianças, como se fosse uma espécie de imersão de todas elas no projeto que estaria por vir. Nas semanas seguintes, fomos acompanhando o livro “Chapeuzinhos Coloridos”. Assim, a cada duas semanas, aproximadamente, líamos e discutíamos sobre a história de uma das Chapeuzinhos do livro, que totalizam seis: Chapeuzinho Azul, Chapeuzinho Branco, Chapeuzinho Preto, Chapeuzinho Lilás, Chapeuzinho Verde e Chapeuzinho Laranja.

A cada início de história, um ar de curiosidade e suspense invadia o ambiente, pois as crianças ficavam ansiosas para saber qual seria a peripécia dessa nova Chapeuzinho e conversarmos sobre ela.

No decorrer do semestre, fui me encantando ainda mais com o retorno mostrado por parte das crianças. Algumas delas que, muitas vezes, se mostravam dispersas em outros momentos, tornavam-se completamente focadas e interessadas nos momentos de discussão sobre os livros. Outras crianças que anteriormente se mostravam extremamente tímidas passaram a

se expressar e se colocar durante as discussões, ato que me chamava muito atenção, visto que é uma forma de integrar todos os alunos da turma em uma atividade que não possui certo e errado. Ali eu não era a figura da professora, e sim a mediadora que tinha voz igual a todas as crianças. Lembro-me perfeitamente de um dia em que surgiu o assunto “fome” e um aluno se emocionou ao dizer que se pudesse ajudaria todos que sentem fome. Confesso que neste dia saí da escola chorando de alegria por saber que este trabalho estava surtindo efeitos positivos de exercício da empatia naquelas crianças.

Toda essa troca de experiências e vivências foi extremamente importante para minha formação enquanto educadora, pois fui me construindo e direcionando minhas práticas para que sempre abordasse o ato de ensinar com a sua devida responsabilidade, ou seja, ser educadora não é apenas abrir um livro e passar alguns exercícios na lousa, mas sim contribuir para que as crianças pensem, reflitam e questionem o mundo que as cercam.

A partir dessa experiência vivenciada através do PIBID, decidi que seguiria um mestrado nessa área. Entretanto, a instituição em que cursava graduação à época, não abordava tal tema dentro da linha de pesquisa voltada à filosofia. Foi quando comentei sobre esse interesse com minha supervisora do PIBID, a mesma que havia sugerido o projeto a ser trabalhado, e ela me apontou a UNESP como a opção exata para desenvolver academicamente o tema que tanto havia me encantado.

Tendo explicado devidamente todo o movimento desde a partida do interesse até chegar à escrita deste trabalho, passo a me ater à introdução propriamente dita sobre o tema em si.

Desde as antigas civilizações, na educação, os atos de ensinar e aprender vêm sendo vistos como “colocar conhecimento” na cabeça de uma pessoa, tendo esta como se fosse uma tábula rasa, que não possui nada em si e, assim, depende de tudo que é depositado nela.

O ato de ensinar não consiste em apenas passar o que sabe a outra pessoa, assim como o ato de aprender não é apenas receber e armazenar esse conhecimento. Esse binômio vai muito além disso, pois passa pelo campo da experiência tanto de quem ensina quanto de quem aprende. Segundo Kohan (2005) “(...) Ninguém nos pode substituir na experiência de

aprendizagem. Ninguém pode buscar por nós, nem nos passar o resultado de sua busca.” (KOHAN, 2005, p. 202).

Ou seja, pode-se ensinar, entretanto, jamais pode-se substituir o outro em sua experiência, e nem replicar no outro sua experiência, pois esta é única e intransferível. Cada pessoa vivencia suas experiências à sua maneira, ao seu tempo e em diferentes intensidades, e isso é completamente normal, já que cada ser é único. Ainda segundo Kohan (2005)

(...) Aprender não é trazer para si algo de quem ensina. Ensinar não é levar para o outro algo de si. Ensinar é oferecer signos, colocar um exemplo do aprender. Aprender é seguir esses signos por si mesmo. (KOHAN, 2005, p. 201).

O filosofar e a filosofia caminham juntos, entretanto, é preciso que se faça novamente a união entre eles, visto que muitas vezes, a filosofia é abordada de maneira que apenas reproduz o que foi dito anteriormente por filósofos famosos. Apenas assimilar o que disseram outros pensadores não permite uma ampliação de mundo e de maneiras de enxergá-lo por si mesmo. E, para que isso seja possível, é importante que desde cedo as pessoas sejam inseridas nesse “mundo do filosofar” por meio de diferenciados temas. Daí surge a importância da Filosofia com Crianças e de sua implementação na formação de futuros educadores. Segundo Silva (2007):

O filosofar não exclui a filosofia, mas muitas vezes, o modo como se ensina a filosofia despreza o filosofar. Como ato de criação, de crítica, de reflexão, o filosofar não necessariamente está desligado do conceito de filosofia. Filosofar e filosofia andam juntos e é preciso que o foco de atenção nas questões relativas ao ensino de filosofia, saia do conceito de ensino histórico (cronológico) de reprodução das idéias dos filósofos ocidentais apenas e caminhe em direção a um ensino que explore a filosofia com o filosofar. (SILVA, 2007, p. 23).

É preciso que se aborde a filosofia sempre com o intuito de filosofar e ampliar pensamentos, caso contrário, paralisa-se a filosofia, ou seja, seria apenas reprodução de pensamento ou uma espécie de educar em valores, como a filosofia que muitas vezes vemos dentro (e também fora) do ambiente escolar. Nas palavras de Silva (2007):

A filosofia enquanto disciplina curricular para as crianças, traz benefícios para a educação de um modo geral por se caracterizar, essencialmente, pela sua capacidade de levar os alunos a refletirem por eles mesmos. Mas o filosofar em sala de aula não é um processo simples. Antes de se pensar em suas características e meios de efetivação, devemos nos preocupar com uma questão determinante: a formação docente na área. Isto porque muitas vezes os professores pensam que estão fazendo filosofia, quando, na verdade, estão transformando as aulas de filosofia em apenas uma ferramenta para a transmissão de valores morais. (SILVA, 2007, p. 12).

Pela dada relevância ao ensinar e ao aprender como uma experiência tanto para quem ensina quanto para quem aprende, neste trabalho se apresenta a importância do filosofar enquanto se ensina e também enquanto se aprende e, além disso, a importância de que o filosofar seja legitimado e reconhecido como um direito dado aos educandos ainda enquanto crianças. Afinal:

Não basta o texto escrito para se fazer entender por aquele que tenta, porque com ele falta o diálogo, falta a narrativa feita pela voz, aquilo que os gregos chamavam mito, que não é uma narrativa antiga, mas uma narrativa precisamente feita de voz. Escutada. Assim como o artesão a quem se lhe pergunta como se faz responde “põe-te aqui perto e veja”, um filósofo poderia responder a quem busca uma formação filosófica “fica aqui ao lado e escuta. (KOHAN; OLARIETA E WOZNIAK, 2012, p. 189).

É preciso romper com o senso comum de que a filosofia é algo exclusivamente para adultos “pensadores”, ou seja, de que não é algo acessível à todos. E esse rompimento deve ser incentivado desde sempre. Mas como podemos fazer isso? Através do simples fato de que futuros educadores saibam primordialmente filosofar e, conseqüentemente, ensinar seus alunos a filosofar desde crianças.

Diante do que já foi dito, podemos dizer que este(a) professor(a) que trabalha a filosofia com seus alunos está, de certa maneira, lutando contra o que Adorno (1972) nomeia por semiformação.

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Deste modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. (ADORNO, 1972-80, P. 389).

Devemos estar atentos que sem conteúdo não existe pensamento, sem forma não existe pensamento, sem conceito não existe pensamento. Por isso, a *BILDUNG* (Formação => *BILDUNG* => apreensão subjetiva da cultura, ideal de formação cultural) é incontornável, porém, na atualidade, segundo Silva (2007), professores e alunos estão expostos o tempo todo aos meios de comunicação de massa, que é onde, na grande maioria das vezes está ocorrendo a semiformação e, por isso, a formação cultural precisa acontecer em oposição à isso.

Para Freud, arte, ciência e cultura é aquilo que nos humaniza, que nos tira da alienação. Mas na era da indústria cultural o que é dominante é a semiformação. Nessa era, perdemos muito ao abrir mão da formação, pois muitas coisas já não fazem mais sentido para muitos, principalmente para as crianças, por exemplo, visitar um museu, afinal, na semiformação a cultura perde seu caráter ideal, suas pretensões expressivas, e se adapta ao mercado. Nesse sentido, podemos dizer que há um suposto de “sabedoria” que é um bloqueio à apropriação, pois quando a pessoa reconhece sua ignorância, é capaz de se abrir para aprender e se apropriar do que não conhece, entretanto, quando não se reconhece as próprias limitações, essa apropriação acaba se tornando inviável.

Se queremos que os alunos se dirijam para a escola com o objetivo de serem formados, o que esperar de todo um sistema educacional que não prevê uma formação pertinente sequer para os professores? Estamos vivendo em um momento delicado diante da evidência da semiformação - mascarada pelas políticas educacionais atuais - em detrimento da formação. São muitos os desafios a serem ultrapassados para que uma educação filosófica sólida e de qualidade seja efetivada em nosso país. (SILVA, 2007, p. 169)

Na era da indústria cultural, a cultura passa a ser “rebaixada” para que aqueles que não tinham acesso passassem a ter, porém, permanecem sem, pelo fato de haver esse rebaixamento, a ponto de informação e entretenimento não serem mais discerníveis. Ou seja, tomando como exemplo os meios de comunicação em massa, já apontados acima, que deveriam ser vistos como algo relacionado ao entretenimento, passam a ser consumidos como

conteúdos de informação, sem que haja um filtro, por parte de quem os consomem, entre o que é informação e o que é entretenimento.

Nas palavras de Fagundes (2013):

Com o desenvolvimento da indústria cultural a tradição formativa (Bildung) précapitalista que se interessava pelas especulações metafísicas, pelos metadiscursos emancipatórios de liberdade e igualdade - os quais eram vistos como principais condições para a construção de uma sociedade autônoma - se extinguem e a semiformação (Halbbildung) torna-se a condição existencial do homem contemporâneo. Desta maneira, presenciamos um paradoxo, pois a sociedade cada vez mais esclarecida caminha ao encontro da barbárie porque os indivíduos são sujeitados a pensar coletivamente e não individualmente e de forma autônoma. Assim, esta realidade obstrui a construção da Bildung. Portanto, para o frankfurtiano a indústria cultural é o principal meio de construção e proliferação da semiformação e como este mecanismo faz parte da realidade objetiva e subjetiva do sujeito contemporâneo fica extremamente difícil refletir sobre outras possibilidades que incitem o florescer do pensamento autônomo, crítico e reflexivo, a fim de formarem-se indivíduos emancipados. (FAGUNDES, 2013, p. 29).

E este é um dos aspectos que o filosofar com crianças vai na contra mão, afinal, buscamos formar crianças críticas, certas de suas opiniões, claras em seus pensamentos e capazes de se colocarem diante de situações e reflexões.

Assim, os cursos de formação de professores que oferecem a disciplina de filosofia para crianças também buscam preparar futuros educadores para exercerem este papel com segurança e uma consistente bagagem teórica e prática.

Nas palavras de Silva (2007):

Se nesse momento almejamos uma educação para que as crianças sejam formadas - e não semiformadas -, é necessário pensar em primeiro lugar em professores formados para tal. As dificuldades são muitas. As reformas pedagógicas não são suficientes, como disse Adorno acima, mas é preciso que se questione a situação educacional e que os professores não se satisfaçam com soluções rápidas. (SILVA, 2007, p. 128-129).

O trabalho apresentado a seguir estrutura-se em quatro seções. Na primeira seção, intitulada “Filosofia com crianças para estudantes e docentes”, discorreremos sobre que filosofia é essa e também os caminhos que a filosofia

para/com crianças vem percorrendo, partindo das ideias de Matthew Lipman até as mais contemporâneas sobre o tema.

Na segunda seção, intitulada “Filosofia com crianças: entre as escolas e as universidades” discorreremos sobre a filosofia com crianças em dois âmbitos diferentes: escolas e universidades, ou seja, por que filosofia com crianças nas escolas? E por que filosofia com crianças nas universidades?

A terceira seção, intitulada “As universidades” aborda, além das universidades que possuem a disciplina de filosofia para crianças nas grades curriculares dos cursos de pedagogia, algumas outras instituições que possuem a disciplina na grade curricular do curso de filosofia, ou até mesmo no curso de mestrado. Além disso, nesta seção também apontamos algumas das ementas apresentadas pelas instituições apontadas.

E, por fim, na quarta seção deste trabalho, apresentamos as considerações acerca de tudo que foi apresentado e discutido no decorrer deste trabalho, fazendo a amarração e o fechamento do tema apresentado.

Cabe apontarmos aqui que o tema de pesquisa da presente dissertação ainda não havia sido desenvolvido em pesquisas anteriores, portanto, nos pautamos em referências bibliográficas voltadas à filosofia com crianças, utilizadas para tecer uma discussão acerca das ementas das disciplinas disponibilizadas pelas instituições. A referência mais próxima que temos ao tema consiste na dissertação de mestrado de Vânia Mesquita Trindade Silva (2007), intitulada “Formação Docente em Filosofia Para Crianças”, por isso, a utilizaremos como apoio bibliográfico de maneira mais direta para a escrita deste trabalho.

1. FILOSOFIA COM CRIANÇAS: PARA ESTUDANTES E DOCENTES

A filosofia para crianças vem tomando forma através das ideias de Matthew Lipman. Sua filosofia comporta sempre uma ideia e uma prática, o que faz muito sentido no trabalho com as crianças, afinal, este entrelaçamento entre ideia e prática se torna algo “palpável” para a compreensão e pensamento da criança, fazendo com que essa mergulhe no que está sendo apresentado, podendo fazer suas reflexões e contribuições de acordo com o seu capital cultural e opiniões sobre determinado tema, pois mais importante do que ensinar filosofia para crianças é fazer filosofia com elas.

Sobre a trajetória de Matthew Lipman em Filosofia para Crianças podemos citar Silva (2007):

A trajetória em FpC desse autor começou no momento em que atuava como professor da Universidade de Columbia (NY) e percebeu que seus alunos tinham grande dificuldade em desenvolver seu raciocínio, sendo guiados somente pela repetição mecânica de saberes; não tinham facilidade em elaborar reflexões próprias e raciocínios organizados. Diante desse problema, Lipman notou que as dificuldades de seus alunos universitários não eram recentes, mas tinham início em sua trajetória na educação escolar desde crianças. (SILVA, 2007, p. 27)

Matthew Lipman não trabalhou sozinho em sua árdua missão de implementar a filosofia para crianças, pois teve colaboradores em sua trajetória como Ann Margaret Sharp, que juntamente com Lipman fundou o Institute for the Advancement of Philosophy for Children – Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças, além de ser co-autora de alguns materiais dele. Lipman também contou com a ajuda Ronald Reed, que é fundador e diretor do programa Philosophy for Children na Texas Wesleyan University.

Segundo Silva (2007):

Lipman pensou em um currículo para viabilizar sua proposta de FpC. O filósofo elaborou um conjunto de “novelas filosóficas” que possuem características específicas de acordo com a idade e a série dos alunos. Essas novelas foram elaboradas em forma de narrativas, com um conteúdo que perpassa situações do cotidiano de crianças e jovens repletos de questionamentos, que são a expressão de pensamentos de grandes nomes da filosofia ocidental. (SILVA, 2007, p. 36)

As novelas filosóficas de Matthew Lipman possuem uma sugestão de trabalho para aproximadamente dois anos, algumas um pouco mais e outras um pouco menos, variando de acordo com a idade do público com que serão trabalhadas, por exemplo, novelas destinadas à educação infantil possuem um período de desenvolvimento menor, já novelas destinadas ao ensino médio, podem ter até três anos de desenvolvimento e trabalho.

Segundo Silva (2007) as novelas filosóficas são divididas em episódios e cada uma possui um tema central, que se ramifica em diversos outros temas que vão sendo levantados pela turma por meio das discussões acerca do tema central.

Ao redor do mundo, a Filosofia Para Crianças na década de 80 do século passado já era conhecida em mais de trinta países, dentre eles Brasil, México, Chile, Estados Unidos, entre outros, nos quais possui seus colaboradores, que são grandes estudiosos do tema, e contribuem para que as ideias de Lipman estejam sempre presentes em seus trabalhos e escritas.

Partindo da concepção maior que é a Filosofia Para Crianças, uma ramificação vem tomando seu espaço: a filosofia Com crianças, e, apesar de sua visibilidade entre o meio, ainda é pouco disseminada entre educadores e instituições. Atualmente, no Brasil, a Filosofia com Crianças é muito disseminada, entretanto, a institucionalização da disciplina é pequena.

Ao falarmos em filosofia para crianças, não conseguimos quebrar o binômio “formação do aluno – formação do professor”, pois estes elementos caracterizam-se como inseparáveis quando abordamos tal tema. Segundo Silva (2007):

Alguém poderia perguntar-nos o porquê de uma abordagem filosófica educacional com crianças para se falar em formação docente. Por isso, consideramos pertinente esclarecer que falar da formação dos alunos em FpC é abordar também a formação dos professores. Isto porque talvez ambas não possam ser pensadas separadamente na medida em que possuem objetivos comuns. Seria anti-filosófico pensar na formação do aluno sem pensar na formação do professor, assim como não teria sentido pensar na formação do professor desconectada da formação dos alunos. Se o propósito de levar a filosofia para a sala de aula segue a ideia da busca pela autonomia do pensamento das pessoas envolvidas no processo filosófico e se professores e alunos compartilham essas experiências

juntos, pensamos que não há porque desvincular a formação de ambos. (SILVA, 2007, p 131).

1.1 Que filosofia é essa?

A filosofia nunca precisou de um 'para quê' para existir, mas parece que em seu ensino costuma sempre haver uma aposta quanto às suas finalidades formativas. (OLIVEIRA, 2011, p. 239).

A filosofia para crianças é essencialmente problematizada por meio dos pensamentos e pela metodologia de Matthew lipman, através das novelas filosóficas e o modo de pensar de professores e alunos.

Para desenvolver a ideia de Filosofia para Crianças, Lipman criou o que chama de Pedagogia da Comunidade de Investigação. Nesta perspectiva, a sala de aula tradicional deve se transformar numa Comunidade de Investigação com a participação ativa de crianças e professores no diálogo sobre os problemas em questão, ou seja, conceitos de fundo de nossa existência, aqueles que são centrais, comuns e controversos. O diálogo filosófico é a pedagogia do pensar bem, ou seja, um pensar crítico, criativo, ético e político. É nessa prática de filosofia que as crianças formam as atitudes democráticas, tornando-se cidadãos críticos, reflexivos e participantes do processo deliberativo. (SOUZA, p. 14, 2013).

Já a filosofia com crianças vem se desenhando no Brasil através dos esforços de docentes de diferentes universidades, entre eles Walter Omar Kohan (UERJ) e Paula Ramos de Oliveira (UNESP – Araraquara), que buscam, através de seus estudos, propor que a filosofia seja cada dia mais disseminada para as crianças através das escolas públicas, levando-as a pensar e refletir sobre seus pensamentos de maneira individual e coletiva, permitindo que questionem o mundo. Assim,

(...) a filosofia com as crianças é a de refletir sempre sobre a própria ação e de criar caminhos novos e alternativas, ao invés de seguir os já preestabelecidos. (SILVA, p. 45, 2007).

Segundo Silva (2007), Walter Omar Kohan e Paula Ramos de Oliveira buscam e propõem alternativas à proposta de Lipman, visto que, diante de seus estudos, perceberam algumas lacunas no programa de Matthew Lipman, fazendo com que buscassem outros caminhos, práticas e autores para se pensar a filosofia para crianças. Ambos buscam o contato das crianças com a filosofia de maneira diferenciada, ou seja, que ela seja abordada de maneira ampla, que as crianças tenham abertura durante o ato de filosofar, tornando-se pioneiros quando falamos sobre essa proposta “repensada” de filosofia para crianças aqui no Brasil.

Ambos buscam meios e também a ampliação de oferta de materiais didáticos e diferentes formas significativas para que o ato da filosofia para/com crianças seja pautado em experiências reais e que façam sentido para aquele grupo de pessoas, além disso, compreendem o exercício filosófico como, segundo Silva (2007), “um lugar privilegiado à liberdade e ao improviso, sem descaracterizar a filosofia enquanto reflexão crítica, criativa e rigorosa.” (p. 46).

Cabe ressaltarmos aqui a importância de Walter Omar Kohan para essa vertente de filosofia com crianças nacional e internacionalmente. Como ponto crucial de sua trajetória, podemos destacar o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) que constitui-se num espaço de ensino, pesquisa e extensão, estando vinculado à UERJ. No NEFI, professores e estudantes desenvolvem pesquisas e experiências, articulando as filosofias com as infâncias, além de organizarem eventos, cursos e encontros tanto nacionais quanto internacionais, visando o ganho de espaço desse tema em espaços para além da universidade, como escolas, por exemplo.

Quando pensamos em nomenclaturas, ainda nas palavras de Silva (2007, p. 24):

(...) é comum o uso do termo filosofia “com” crianças em estudos e pesquisas realizadas no Brasil, por exemplo. O modo como esse termo é utilizado diferencia-se da concepção de Lipman, na medida em que aqui o termo mostra a necessidade que se tem de filosofar com as crianças para que elas descubram seu próprio modo de filosofar, respeitando-se, desse modo, a filosofia “das” crianças e, ao mesmo tempo, remete-nos a uma idéia de que o professor é parte integrante dessa investigação filosófica. Assim, observa-se que alguns autores brasileiros preferem o uso deste termo para se referir ao ensino de filosofia que é alternativo ao programa institucionalizado

de Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar. (SILVA, 2007, p. 24)

Quando falamos em filosofia consequentemente estamos falando em pensamento e existem diversas formas de se expressar os pensamentos, assim como existem diversas formas de se vivenciar a filosofia para si e com as crianças.

O pensamento pode se expressar de diversas formas. Há várias formas expressivas do pensamento e, nesse sentido, por que não experimentar essa diversidade em filosofia? Criar é pensar diferentemente e, por isso, implica necessariamente uma abertura ao pensamento. E se há vários modos de expressar o pensamento, isso significa falar que a forma importa tanto quanto o conteúdo e que ambos se implicam mutuamente. Eis, para nós, onde se situa a potência criadora que Deleuze e Guattari identificam nas filosofias, mas também nas ciências e nas artes. Criar é sair do lugar-comum. Como então a criação poderia não ser aliada das filosofias? (OLIVEIRA, 2012, p. 11).

2. FILOSOFIA COM CRIANÇAS: ENTRE AS ESCOLAS E AS UNIVERSIDADES

A filosofia ainda é vista pela grande maioria das pessoas como algo exclusivamente voltado aos adultos, não sendo possível se fazer compreensível às crianças. Nesse sentido, Mendes (2020) traz uma definição sobre a origem da palavra criança:

Se observarmos a etimologia da palavra criança, podemos voltar na sua origem que vem do latim “creare”, do mesmo radical que derivam as palavras “criação” e “criatividade”. A palavra criar está relacionada a produzir, erguer, crescer, aumentar. Seria a vida adulta o foco das discussões sobre a criança, pois está fadada a essa etapa? Mas, o que faria ela então enquanto criança? (MENDES, 2020, p. 18)

E afinal, por que fazer filosofia com crianças? Essa pergunta pode não fazer tanto sentido para quem, assim como a grande maioria, teve acesso à filosofia e à sociologia apenas no ensino médio, estudando apenas os grandes e mais importantes filósofos e pensadores da história.

A filosofia com crianças impõe uma condição primeira para aquele que deseja nela se aventurar: a abertura para trilhar o caminho da experiência e permitir que sua vida seja atravessada e afetada pelos encontros e desencontros de uma caminhada aberta, enigmática, imprevisível, levando-o a lugares ainda não vividos ou pensamentos ainda não pensados. (GOMES, 2012, p. 62-63).

Com as crianças esse contato se dá de maneira diferenciada, pois não vai se falar diretamente dos pensadores e suas ideias, mas sim ensinar a criança a pensar de maneira crítica e questionadora o mundo que a cerca. Sabemos que a criança é uma pesquisadora por natureza, afinal, tem curiosidade de entender o seu entorno e seus porquês. Você deve estar se perguntando isso tudo não é muito complexo para ser trabalhado com crianças pequenas? NÃO! Afinal, para filosofar, devemos sair do que é apenas superficial e explorarmos para além disso. Tratar assuntos que, muitas vezes, são julgados como complexos demais para crianças é uma oportunidade de

filosofar juntamente com essa criança, é não apequená-la e ouvir sua voz para que se coloque, com suas opiniões e vivências sobre o que está dizendo.

É importante que se crie um clima propício para a filosofia e o filosofar com as crianças. Uma conversação filosófica merece ter um momento especial para acontecer e se estender.

As perguntas que fazem com que a conversação vire filosófica são aquelas que “saem da nossa mente” para se “pensar com elas”, para se “aprender a discutir”. A discussão será filosófica se “as perguntas aumentam”; se podemos “julgar as perguntas que temos na cabeça”; se se permite “que cresçam as dúvidas e as respostas”; se podemos “pensar mais fácil” com a ajuda dos outros; se, a partir dela, “a gente aprende coisas que nem imaginava. (OLARIETA, 2012, p. 88).

Da mesma maneira que é importante que se crie um clima propício para a filosofia, também é essencial que o tempo de filosofar seja bem aproveitado, ou seja, que seja de qualidade, independente de sua quantidade.

Para que uma experiência de pensamento com outros seja possível devemos cuidar desse tempo no qual somos os mesmos de sempre e, ao mesmo tempo, podemos permitir-nos pensar o que não pensamos sempre. Devemos cuidar da qualidade desse tempo, que é frágil e facilmente digerível pela lógica da mensura. Esse tempo é delicado e por isso requer uma sutil sensibilidade para percebê-lo, muita paciência para esperá-lo e muito cuidado para não matá-lo. Se o medimos com relógios, às vezes, ele dura segundos, mas segundos que farão com que tenha valido e pena; às vezes ele resiste a se apresentar, e sentiremos que essa hora que passamos falando, desenhando ou escrevendo terá passado em vão. É esse tempo – onde se aprendem coisas que não servem para passar de ano e que ninguém ensina. (...) Quiçá nesses segundos intempestivos possam se encontrar uma certa explicação para a insistente resistência de um grupo de alunos de uma escola pública a perder sua “aula de filosofia. (GOMES, 2012, p. 93-94).

Nesse sentido, cabe ao adulto instigar cada vez mais questionamentos e ir oferecendo suporte para que a própria criança tenha condições e argumentos para respondê-los. Nas palavras de Oliveira; Badia; Fávori e Sônego (2016) , para Lipman

(...) as crianças, assim como os filósofos, têm a capacidade de se admirar com o mundo, e a filosofia, segundo essa proposta, é eminentemente algo que se faz, que se pratica, é o próprio filosofar.

Na ideia de Filosofia para Crianças há, portanto, uma concepção de filosofia e outra de criança, além de uma afirmação (teórica e prática) de que crianças podem e devem filosofar. Vemos assim que conhecer Filosofia para Crianças é entrar em contato com um modo de filosofar que pode acontecer em qualquer idade. (OLIVEIRA et al, 2016, p. 7).

2.1 Por que filosofia com crianças nas escolas?

Oportunizar à criança um espaço para que seja filosofante é muito mais do que apenas ser crítica, pois uma criança que filosofa é também uma criança criativa, com uma vasta imaginação e uma compreensão de si e de seu lugar no mundo muito mais clara que as demais, o que é extremamente positivo para seu desenvolvimento e também para sua vida adulta. Nas palavras de Dinis (2011):

Esta nova abordagem pela filosofia acaba por dar a FpC uma importância capital dentro do quadro educativo, promulgando em si uma tendência especial para romper com a educação para instruir e contribuir essencialmente para uma educação para pensar. A sociedade necessita, e cada vez mais, de pessoas que amem o saber e, ao mesmo tempo, que saibam pensar, antes de mais pela cada vez maior complexidade do nosso mundo e, não menos importante, por incorporar na sociedade cidadãos que saibam pensar por elas próprios e não pelas cabeças dos políticos e corporações. Para se poder criar uma sociedade regida pelo pensar e, para isso não existem golpes de magia, ter adultos bem cientes das suas responsabilidades só educando as crianças desde a sua mais tenra idade é que se poderá chegar a tal objectivo. Não se transforma uma criança falha em reflexão num adulto racionalmente maduro através de um simples passo de dança, isso requer um trabalho preparatório prolongado que quando mais cedo se iniciar mais hipóteses de sucesso terá. (DINIS, 2011, P. 2).

Mas se essa filosofia é tão importante e positiva para o desenvolvimento infantil, por que não é conhecida e exercida em grande escala no campo educacional? Ao contrário da língua portuguesa e da matemática, vistas pela maioria como as disciplinas mais importantes a serem trabalhadas na escola, por possuírem conteúdos que serão socialmente mais cobrados que os demais, a filosofia ainda ocupa um tímido espaço dentro do ambiente e do currículo escolar nas diferentes regiões de nosso país. E esse é um dos fatos que a torna de difícil institucionalização, pois até mesmo no ensino médio a

filosofia é uma disciplina de continuidade incerta, pois vive em um constante vai e volta nas instituições escolares Brasil afora.

Portanto, se no ensino médio que deveria ser uma disciplina obrigatória, a filosofia vive essa constante incerteza, sua institucionalização no ensino fundamental parece estar ainda muito distante de acontecer e se expandir para os currículos escolares de crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.

A filosofia com crianças é possível na medida em que professores e alunos se dispõem à isso, na medida em que se abrem para essa relação de maneira que o professor contribua para a formação de alunos cada vez mais independentes e seguros intelectualmente. Segundo Kohan e Olarieta (2012):

Aprendemos com Rancière-Jacotot a necessidade de não inferiorizar ninguém, seja pelo tamanho, pela etnia, pela classe, pela idade. Todos têm igual capacidade de aprender, todos podem o que pode qualquer ser humano. Esse princípio, simples, difícil e claro desorienta a normalidade da instituição escolar: o professor não está para explicar o que sabe e o aluno para aceitar o caminho indicado pelo professor – cada um deve buscar e encontrar, por si mesmo, na companhia de outros, seu próprio caminho. Isso significa que somos iguais em inteligência: qualquer um é igualmente capaz a qualquer outro, nada do humano é alheio à nossa inteligência e, pensando, podemos nos encontrar cara a cara com tudo o que a inteligência humana é capaz de pensar. (KOHAN E OLARIETA, 2012, p. 37).

A filosofia com crianças está pautada no diálogo, permitindo que todos os envolvidos coloquem seus argumentos e opiniões, de maneira que nenhum pensamento seja descartado ou inferiorizado. Nessa filosofia é importante que o(a) professor(a) tenha consciência de que ali ele(a) não é o(a) “detentor(a) do conhecimento”, e sim, um mediador e “entrelaçador” de pensamentos, fazendo a amarração das ideias sempre que necessário, ou seja, ali o(a) professor(a) é mais um membro do grupo, com saberes iguais aos de todo o restante. Nas palavras de Kohan e Olarieta (2012):

(...) a discussão filosófica é a terra dos “por quês” e dos “para quês”. A docente não é o centro pelo qual passam todas as questões. Ela propicia uma participação ampla e compartilhada, cuida que a discussão não perca o foco, gera as condições para o diálogo colaborativo. Nessa instância ela tem especial cuidado em considerar que o que está em jogo não são só as ideias, mas também a maneira

de tratá-las. O conteúdo do que se discute está estreitamente ligado ao modo como se discute. Importa a maneira em que a palavra circula, o lugar que o grupo e cada um cria para ouvir o que os outros têm para dizer, a possibilidade de que os pensamentos não sejam acompanhados apenas por palavras, mas também por silêncios, gestos ou outras linguagens. (KOHAN E OLARIETA, 2012, p. 21).

Sabemos que todas as crianças são diferentes, cada uma tem sua personalidade e desenvoltura no momento de se expor. Entretanto, quando trabalhado este aspecto pelo professor, de maneira lúdica e interativa com a turma, o momento de falar em público e expor seus pensamentos deixa de ser algo difícil e constrangedor, e passa a ser algo natural da rotina da criança. Dessa maneira, a filosofia se convida para entrar na vida da criança, e não o contrário. Nas palavras de Oliveira (2012):

Quando um saber e/ou uma atividade institucionaliza-se em forma de disciplina, nasce também um contexto específico dessa institucionalização. A história da educação escolar vive do conjunto desses contextos. Uma criança pode aprender a ler e a escrever fora da escola, mas quando ela aprende a leitura e a escrita na escola é sempre, de algum modo, diferente. Em sociedades como as nossas, e nos dias de hoje, o processo de alfabetização de uma pessoa é algo absolutamente universal e consensual nas instituições escolares. Isso significa que ninguém duvida da necessidade da alfabetização e, por conseguinte, da necessidade de alguém para ensinar e de alguém para aprender a escrita e a leitura de letras, palavras e frases. Com a filosofia não é assim que acontece, pelo menos quando é a filosofia que se convida para entrar na vida dos alunos e não ao contrário. (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

2. 2 Por que filosofia com crianças nas universidades?

Se gostávamos quando Lipman pretendia levar a autonomia até as crianças, não teria sentido que os professores mantivessem uma relação heteronômica em relação ao material de Filosofia para Crianças e ao próprio programa. Ou seja, seria desejável que o professor tomasse como sua essa tarefa de pensar o que e o como fazer nessas aulas. Do meu ponto de vista isso implica em experimentar outros materiais, incluindo – por que não? – os de nossa própria autoria. Essa escolha de materiais - ou a sua elaboração – inicia um diálogo prévio com a filosofia, com as crianças e também com nossa própria subjetividade. São encontros que já se realizam antes de nos encontrarmos com as crianças e com o filosofar que experimentaremos com elas. (OLIVEIRA, 2012, p. 5-6)

Assim, antes de iniciarmos este tópico, é importante que partamos do pressuposto de que o(a) professor(a) que se disporá a trabalhar a Filosofia com Crianças deve estar despido de todas as suas crenças e convicções e também se disponha a ouvir e construir coletivamente com as crianças pensamentos, ideias e opiniões. Segundo Silva (2007):

(...) o professor tem como papel fundamental ser receptivo em relação à variedade de pensamentos de seus alunos e de modo algum querer conduzir a discussão segundo seus próprios pensamentos. Um professor que responde de uma maneira fechada a uma pergunta feita pela criança, esgota as diversas possibilidades de se pensar aquele tema; focaliza as idéias unicamente em sua própria visão a respeito. Na verdade, o que Lipman e seus colaboradores propõem é que o professor coloque a pergunta ou a idéia para a toda a classe refletir a respeito, independentemente da sua própria posição sobre aquele assunto. (SILVA, 2007, p. 59)

Nos dias atuais¹, nove universidades públicas brasileiras oferecem a disciplina de filosofia para crianças dentro da grade do curso de pedagogia. Por este motivo, ainda é um tema desconhecido por muitos profissionais da área de educação, pois a maioria não tem/teve essa formação.

Este cenário precisa ser mudado ao longo do tempo, pois essa é uma das disciplinas mais importantes para o currículo de um(a) educador(a) que irá trabalhar com uma criança. A experiência de filosofar com as crianças possibilita que haja o exercício do pensamento crítico e, conseqüentemente, que elas estejam a vontade para expor, explorar e defender seus pensamentos, apresentando argumentos que embasem suas ideias. Nas palavras de Dinis (2011):

A Filosofia para Crianças tem um impacto decisivo para a moldagem de cidadãos cada vez mais activos democraticamente. Essa educação filosófica contribui e proporciona aos seus educandos uma capacidade reflexiva mais profunda, menos propícia a deixar-se influenciar pelo meio envolvente e cria uma postura mais incisiva na hora de agir. (DINIS, 2011, p. 52).

É importante que a criança seja vista como um ser que vive o “agora”, seja no tempo cronológico (*chrónos*), ou seja, no tempo sucessivo do relógio, o

1

No período de realização desta pesquisa, englobando os anos de 2018 a 2021.

tempo mais comum à todos nós. Mas a criança também pode viver o “agora” no tempo aiônico (*aión*), ou seja, num tempo que não exige uma continuidade numerada, assim como o tempo cronológico, o tempo aiônico pode apresentar outra temporalidade, assim como a brincadeira de uma criança (KOHAN, 2002). Entretanto, independente de seu “agora”, a criança segue sendo um ser que possui direitos e voz para se expressar diante das mais diferentes situações. Assim:

(...) pensar a formação do professor que lida com a filosofia e com as crianças, é se preocupar insistentemente com a visão desse professor em relação à infância. Existe a necessidade de fazer com que esse professor situe a criança em outro lugar, que não o da submissão educativa. Tradicionalmente, a criança é vista como somente um espectro do futuro; não tem identidade em seu momento atual, é “apenas” criança. (SILVA, 2007, p. 116).

Aprender sobre filosofia para/com crianças durante a formação é essencial ao(à) educador(a) que está prestes a pisar na escola, pois isso fará com que essa pessoa tenha olhos abertos para além do que está posto à sua frente, ou seja, uma pessoa que acredita na educação em sua totalidade, não restringindo-se apenas às disciplinas programadas pelo currículo escolar como se fossem “ilhas” isoladas que não se comunicam entre si. Segundo Dinis (2011):

O programa de Matthew Lipman é uma lufada de ar que vivifica a filosofia e a pedagogia. A educação para instruir, dita convencional, tornou-se demasiadamente maçadora, monótona e pesada, despertando pouco interesse por parte dos alunos e muito professores sentem como que um silêncio ensurdecedor dado a falta de receptividade dos seus educandos, silêncio que cava um fosso cada vez maior dentro do ensino, perdendo-se a conexão fulcral entre o professor e o aluno. A Educação para pensar, individualizada aqui na FpC, paulatinamente e de forma silenciosa, prepara, parece-nos, uma revolução paradigmática educativa, verdadeira mudança de 180°, a criança liberta-se do cárcere das pesadas matérias que fulminam o que a educação deve ser: a construção da individualidade. Alunos intelectualmente autônomos, que pensem por si próprios, traçando os seus caminhos por sua própria iniciativa, que não repetem de forma mecânica e superficial o saber livresco. Alunos poderosamente criativos, que com essa força superem maioritariamente os obstáculos que o mundo, infelizmente, semeia a cada passo, criatividade que constrói uma individualidade original e não uma simples fotocópia de estereótipos duvidosos. Alunos possuidores de um apurado sentido crítico que consigam rapidamente

detectar as falácias, mentiras e farsas lançadas sobre as várias esferas da vida e alcançar criteriosamente um estado vigilante, lançando um crítico olhar sobre eles mesmos, corrigindo os seus erros e construindo dia após dias um carácter mais digno e alicerçado sobre verdadeiros valores. (DINIS, 2011, p. 63).

O(a) educador(a) que teve uma formação de filosofia para crianças em sua grade curricular terá uma maior percepção e sensibilidade em saber o momento certo de intervir e questionar seus alunos, incentivando-os a não terem medo de expressar seus sentimentos e ideias, afinal, o filosofar com as crianças possibilita que diferentes maneiras de pensar e pontos de vista sejam respeitados e discutidos, ou seja, todo pensamento é respeitado e pode ser colocado em discussão entre as crianças e também os adultos. Nas palavras de Silva (2007):

(...) o professor de FpC precisa ter em sua formação a noção de que a criança está imersa numa realidade viva; em constante transformação, tal como é a filosofia. Dessa forma, em tudo se espera encontrar a infância; na criança, na filosofia e no professor para que, assim, o processo criativo do filosofar aconteça dentro da sala de aula com todos os participantes do processo. Só é possível despertar o filosofar nas crianças se o professor tiver consciência da relevância do pensamento infantil, presente em todos nós. Eis um grande desafio. (SILVA, 2007, p. 118).

No filosofar não deve ser permitido que o lugar de fala de determinadas pessoas, que são intituladas ou se intitulam “especialistas”, inviabilizem a fala de outras pessoas, afinal, segundo Oliveira (2019) esse movimento paralisa o pensamento do outro, tendo ainda como consequência o fato de que esse “especialista” impede que seu pensamento dialogue com opiniões diferentes das suas, inviabilizando a troca de experiências e de saberes entre todos os envolvidos. O(a) professor(a) que se dispõe a trabalhar a filosofia em sua sala de aula está em constante transformação, sempre refletindo sobre sua prática e suas possibilidades, buscando que, cada vez mais, seu trabalho viabilize novos pensamentos e curiosidades em seus alunos. Nas palavras de Silva (2007):

Se o programa de FpC pressupõe que a criança aprenda por ela mesma, por meio das discussões filosóficas que estão envolvidas, o conhecimento do professor em filosofia não pode

servir como finalidade, mas sim como um complemento para enriquecer as discussões. O professor, portanto, deve ter conhecimento em filosofia, mas não deve usá-lo especificamente como um conteúdo a ser ensinado. (SILVA, 2007, p. 62).

Refletir sobre sua prática exige que o(a) educador(a) esteja disposto a se despir de suas certezas, reconhecendo que seu trabalho não é algo constante e imutável, ou seja, uma prática que não foi tão bem sucedida anteriormente, agora pode dar certo, e uma prática sensacional que rendeu ótimas discussões no passado, pode não funcionar tão bem em um outro momento, e está tudo bem, afinal, esse é um dos pontos que torna a reflexão sobre a prática pedagógica (não só em filosofia com crianças) tão importante, ousado até a dizer que necessária.

Isso, sem jamais esquecer sobre o respeito aos pensamentos de seus alunos, sem se impor de maneira que o bloqueie. Segundo Silva (2007):

(...) a formação do professor de filosofia com crianças é sempre uma tentativa, está sempre aberta a novas possibilidades. Ela procura, como vemos, os seus próprios caminhos e tenta proporcionar aos professores, antes de tudo, o acesso ao desejo do filosofar. Tendo o professor adquirido a consciência desse desejo e desenvolvendo uma atitude filosófica de perguntar-se, o aprimoramento do fazer filosofia em sala de aula se dará gradativamente, com o tempo, por meio da reflexão constante sobre a prática. (SILVA, 2007, p. 111).

Independente do fato de atuar em sala de aula com crianças ou não, a formação em filosofia para crianças nos cursos de pedagogia é fundamental para o futuro educador, e não necessariamente pelo trabalho com as crianças em si, o que claro, é extremamente importante, mas também pela sua formação enquanto um profissional que estuda para adquirir conhecimento, possibilitando que aperfeiçoe seu lado reflexivo, sem a obrigatoriedade de exercê-lo em um ambiente de trabalho, por exemplo.

Para que um professor seja reflexivo sobre sua prática, se faz necessário um trabalho que ressalte a importância desta atitude, e o trabalho com filosofia é um ótimo meio para tal objetivo. Afinal, segundo Pimenta (1999) ação reflexiva envolveria intuição, emoção e não somente um conjunto de técnicas que podem ser ensinadas aos professores. Os formadores de

professores deveriam, então, propor situações de experimentação que permitem a reflexão, assim como os professores precisam refletir sobre o papel de ensinar. Nas palavras de Oliveira (2019):

A escola é um lugar compartilhado. Via-de-regra o professor de filosofia faz um convite a seus alunos, algo como um passeio. O convite que cada professor faz tem a ver com a sua formação, com o seu trajeto, com os passeios que fez ao longo da vida, com os encontros que teve com a filosofia. E, se ele realmente fez desse caminhar uma experiência, então terá dado vida a si mesmo e à filosofia. Terá se encontrado no filosofar, com o filosofar. Neste caso, o convite desse professor, que experimentou a filosofia como filosofar, será um passeio na direção da filosofia como parte da vida e, assim, também poderá abrir caminhos para uma vida filosofante. (OLIVEIRA, 2019, p. 43-44).

Para Lipman (1990), a educação e a filosofia não se dissociam, afinal “toda verdadeira filosofia é educacional e toda verdadeira educação é filosófica” (LIPMAN, 1990. p. 62). Dessa maneira, mesmo não fazendo parte da grade curricular, a filosofia está presente nas aulas e discussões desde o início do ensino fundamental, muitas vezes contribuindo para a compreensão de outras disciplinas.

O filosofar é visto aqui como uma experiência, como um trabalho sobre o sentido: sobre o sentido do que somos e do que nos acontece. É precisamente por isso que essa experiência é própria, única e intransferível. A lógica da “formação”, portanto, não pode escapar à lógica da experiência. O que nos acontece nos afeta particularmente, afeta a relação que temos conosco e com o mundo. Essa relação não pode ser reproduzida, não pode ser passada para outro (o outro não pode atravessar minha experiência). (KOHAN; OLARIETA E WOZNIAK, 2012, p. 173).

Tendo a filosofia e o filosofar como uma experiência filosófica, Kohan apresenta ressalvas ao que Lipman deseja como habilidades, tanto para professores quanto para alunos:

Kohan alerta que a formação baseada em “modelos” de Lipman, descaracteriza a própria filosofia por ser ela já sabida de antemão. Na verdade, deve-se atentar para problemas subjetivos do pensamento, não se fixando em perguntas prontas questões universais apenas. As habilidades que Lipman deseja, tanto no professor quanto nos alunos, têm uma hierarquia e uma continuidade a serem seguidas. Essa visão se

opõe ao que Kohan chama de experiência filosófica que é uma “experiência intersubjetiva do pensar”, ou seja, é a experiência que baseia o pensamento e não o contrário. (SILVA, 2007, p. 93).

Em seu artigo “Experimentar a filosofia: notas sobre a presença da filosofia entre crianças e adultos a partir de um curso de pedagogia”, que aborda os dez anos da institucionalização da disciplina na Unesp – Araraquara, Oliveira (2012) discorre sobre a história da disciplina filosofia para crianças no curso de pedagogia da instituição UNESP, assim como nesses dez anos (agora 19 anos), de alguma maneira, a cada ano a disciplina se deu de uma maneira diferente, afinal, cada turma é única e o(a) professor(a) não se mantém imutável ao longo do tempo, muito pelo contrário, pensa e repensa sua prática com base em suas percepções sobre suas ações e seus resultados. Nas palavras de Oliveira (2012) “Ministrei essa disciplina dez vezes durante esses dez anos e, de alguma maneira, de dez diferentes modos. Fui transformando essa atividade e sendo transformada por ela. Certas características, porém, se mantiveram.” (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Dessa maneira, Oliveira (2012) aponta que em uma década, foi possível acompanhar as experiências tanto em filosofia entre crianças, quanto entre os adultos, e este contato se deu por meio de projetos de extensão, da disciplina, do grupo de pesquisa GEPFC e outras atividades similares.

Ainda no mesmo artigo, Oliveira (2012) aponta que, a princípio, sua sugestão foi de que a disciplina fosse introduzida como optativa na grade curricular do curso de pedagogia, entretanto, Vera Teresa Valdemarin, professora e, na época, coordenadora do Conselho de Curso da Pedagogia, a sugeriu como uma disciplina obrigatória. Ela justificou sua sugestão com base nas seguintes afirmações:

Foi porque tínhamos profissional que desenvolvia pesquisa e grupo de estudos sobre o tema, que eram muito produtivos e bem sucedidos e achamos que seria importantíssimo incorporar ao curso essa experiência. Além disso, as atividades do grupo de pesquisa serviram de guia para estabelecer um modelo para todas as disciplinas do curso que tivessem carga horária prática e carga horária teórica (VALDEMARIN, 2012).²

2 Informação retirada de uma nota de rodapé presente no artigo “Experimentar a filosofia: notas sobre a presença da filosofia entre crianças e adultos a partir de um curso de pedagogia”,

Ao final da disciplina de Filosofia para Crianças, no ano de 2012, a professora Paula Ramos de Oliveira pediu para que os alunos tentassem escrever algo comparando a disciplina à uma brincadeira, e as respostas obtidas foram extremamente interessantes, pois nos leva a refletir sobre a visão que adultos, muito provavelmente tendo o primeiro contato com o assunto, possuem sobre a filosofia para as crianças. Abaixo podemos ver algumas colocações dos adultos, presentes no artigo de Oliveira (2012):

Acredito que se a filosofia fosse uma brincadeira de criança, dentre tantas, ela se encaixaria bem na “queimada”. Porque muitas vezes “fugimos” de pensar em tantas coisas, assim como tentamos nos esconder da bola queimada. Porém, inevitavelmente o pensamento, o questionamento te atinge, pois chega uma hora que fica impossível fugir dele. Aí ficamos num “patamar” oposto, diferente do qual ficávamos quando éramos inatingíveis, pois já tivemos a experiência do filosofar, ou seja, já fomos queimados.

Se a FpC fosse uma brincadeira seria “roda-rodinha”, pois o pensamento é colocado numa circunstância de roda-viva, sem nunca haver fim...

Seria como brincar de “forca” com uma palavra interminável.

Não sei dizer qual brincadeira seria, mas provavelmente se identifica com a maioria delas porque eu acho as aulas bastante livres, e as brincadeiras trazem, para mim, um componente dessa liberdade.

Se a filosofia fosse uma brincadeira de criança seria...

“Batata-quente”, pois passa as ideias de um para o outro sem saber a hora que vai acabar.

“Passa-anel”, pois também leva de um para o outro ou pára nas mãos de alguns (as idéias, os pensamentos do grupo).

Seria “esconde-esconde”, pois ela é repleta de descobertas e surpresas.

Seria uma “ciranda”, pois precisa de várias pessoas interagindo e pensando, e é inconstante.

Se a Filosofia para Crianças fosse uma brincadeira, a meu ver ela seria o “pega-pega”. Nela existe um lugar onde mesmo participando da brincadeira a pessoa pode estar só olhando, sem poder ser pega, enquanto outros saem à procura de capturar os demais sem saber como, onde e se vai conseguir.

Seria “esconde-esconde”, porque quando estamos brincando nós sabemos quais as pessoas que estão na brincadeira, mas não sabemos onde elas estão escondidas, da mesma maneira que nas aulas de filosofia, pois aqui estamos com os colegas ouvindo e falando sobre o que pensamos e essas ideias estão escondidas em

cada um e saem quando são questionados por outras pessoas. As ideias estão escondidas e falamos o que achamos quando somos impulsionados a isso ou quando ficamos curiosos. (OLIVEIRA, 2012, p. 3-4).

A partir das percepções desses estudantes (adultos), podemos notar que a filosofia para crianças representa, para eles, algo repleto de novas descobertas, algumas vezes até incerto, mas não um incerto pensando pelo seu sentido pejorativo, muito pelo contrário, incerto na questão de, as vezes, ser algo imprevisível, afinal, para fazermos filosofia, partimos de pensamentos, e os pensamentos estão surgindo, se modificando e se ampliando a todo momento na cabeça de cada um, ou seja, uma mesma ideia colocada à um grupo de pessoas, vai ter diferentes interpretações, e desencadear diferentes ideias e 'ramificações' de pensamentos, digo isso com bastante certeza, afinal, tive a oportunidade de participar da mesma disciplina, oferecida em modalidade remota (por conta da pandemia de COVID 19) no ano de 2020.

Logo no início da disciplina, pude perceber que seria uma experiência completamente diferente de todas as outras que já havia vivenciado. E assim foi. No decorrer das aulas pude perceber que a teoria de Matthew Lipman e de outros autores estavam bastante presente nas discussões, principalmente nas primeiras aulas, visto que aquele era o primeiro contato de todos com a filosofia para crianças. Em seguida, todos vivemos a experiência de fazer filosofia no decorrer de todas as aulas. Em cada aula, um grupo ficava responsável por trazer algo que nos colocasse a filosofar, poderia ser qualquer coisa: uma imagem, uma música, um texto, etc., e também conduzir a conversa, porém, sem caráter diretivo.

A cada aula, uma caixinha de surpresas era aberta, pois nunca sabíamos qual rumo tomaria a discussão daquele dia. Lembro-me dos olhares assustados nos primeiros dias de aula, quando todos souberam que fariam coordenações filosóficas e, posteriormente, os mesmos olhares, porém agora curiosos e interessados em opinar e ouvir o que os(as) colegas tinham para dizer. E em todas as coordenações me emocionei com o tecer dos pensamentos de todos se entrelaçando e, principalmente, por sempre ao final das coordenações, o grupo pontuar que em uma primeira discussão, haviam

pensado que a conversa iria para um lado completamente oposto ao que foi no momento da troca entre todos.

Foi lindo ver como as discussões acerca de fotos, músicas, poemas iam se tecendo com as diferentes opiniões, formando uma espécie de colcha de retalhos, uma linda colcha de retalhos, diga-se de passagem, contendo pedacinhos de pensamentos de cada pessoa ali presente.

Essa experiência foi algo bastante significativo, pois ao longo das aulas pude perceber que “fazer filosofia” estava se tornando algo cada vez mais natural ao grupo e isso acontecia de maneira genuína, e estava se tornando algo intrínseco a toda a turma.

Dessa maneira, ficou bastante claro que da mesma maneira que estávamos ali aprendendo a ter um olhar filosófico sobre os diferentes aspectos apresentados pelos grupos, assim também podemos fazer em sala de aula com as crianças, levando-as a ter este mesmo olhar sobre diferentes aspectos que lhes forem apresentados.

Entretanto, é importante ressaltarmos aqui que, assim como a concepção de filosofia para crianças, presente nas ideias de Lipman foi tomando novas formas, pautadas em estudos e autores diversificados, dando abertura à concepção da filosofia COM crianças, movimento parecido aconteceu com a ideia de formação docente, que se apresenta de maneira diferenciada nas duas vertentes. Nas palavras de Silva (2007):

Pensar a formação docente em relação à FpC de Lipman é pensar nas condições adequadas para que o trabalho do professor seja desempenhado de acordo com o que se espera de um ensino filosófico com crianças. Explorar esse campo nos faz perguntar: Se o professor no programa de FpC precisa desempenhar uma série de papéis específicos, como acontece a sua formação?

Numa outra perspectiva, para além do programa de FpC de Lipman, pensamos que a questão da formação docente é um campo aberto a novas possibilidades que podem conduzir o professor a sempre repensar seu próprio trabalho, não se limitando a resultados prontos ou pré-definidos. Assim, podemos questionar se realmente é necessário que este professor acumule tantos papéis a desempenhar e se sua formação deve estar estritamente vinculada à execução de tais papéis. (SILVA, 2007, p. 95).

Tendo em vista as informações acima colocadas, cabe falarmos sobre o “movimento” feito pela filosofia para crianças, que chegou ao Brasil através da professora Catherine Young Silva, fundadora do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), em janeiro de 1985. Devido a experiência bem sucedida da proposta, foram criados, na década de 90, centros de formação de professores espalhados por diversas cidades brasileiras, dentre elas São Paulo, Campinas e Ribeirão Preto. No ano de 2010 o CBFC encerrou suas atividades.

A partir dessa movimentação, a filosofia para crianças foi se constituindo e se perpetuando no território brasileiro e, em decorrência do encerramento do CBFC, professores que antes possuíam também nessa instituição a formação de filosofia para crianças, passaram a ter acesso a tal formação apenas dentro das universidades, entretanto, não necessariamente nos cursos de pedagogia, muitas vezes essa formação se dá por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Há de se ressaltar que a formação filosófica para o professor que vai trabalhar com crianças e jovens, vem ultrapassando a questão da capacitação em cursos de Filosofia ou Pedagogia. Não é nesses cursos que a questão da formação docente em FpC, no geral, está sendo resolvida, pois são raros os cursos que têm essa preocupação, mas a idéia pode ser inserida nesse contexto. (SILVA, 2007, p. 105)

Dessa maneira, a institucionalização da filosofia para crianças ocorre na universidade e a partir dela, como já apontado acima, não só por meio dos cursos de pedagogia, mas também pelo ensino, pesquisa e extensão. Este é um ambiente apropriado para que se obtenha tal formação para que a filosofia para crianças possa ocorrer em outros espaços.

3 AS UNIVERSIDADES

Antes de dar início ao tópico propriamente dito, considero importante apontar que, durante a pesquisa em questão, foram encontradas disciplinas de filosofia para crianças em outros programas de graduação que não sejam o de pedagogia, que é nosso recorte. Apresentando-se também como disciplina ofertada em curso de mestrado em educação,

A UnB (Universidade de Brasília), possui uma disciplina intitulada “Filosofia e crianças: uma educação filosófica”, oferecida ao curso de graduação em filosofia desde o segundo semestre do ano de 1988. Já na Faculdade de Educação da UnB, Walter Omar Kohan ministrou algumas disciplinas entre os anos de 1997 e 2000 e, dentre elas, estava “Filosofia para Crianças”. Kohan foi um grande vanguardista do tema na instituição, oferecendo, na época, a disciplina ao curso de pedagogia.

Assim como a UnB, podemos colocar também a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), que oferece a disciplina de filosofia para crianças ao curso de graduação em filosofia, através do departamento de Ciências Humanas e Integração Social.

Também no curso de licenciatura em filosofia, a UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) Campus Avançado de Caicó, oferece a disciplina “Filosofia com crianças”, na modalidade optativa, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Maria Reilta Dantas Cirino. Abaixo, podemos conferir sua ementa:

Tabela 1 Ementa da UERN

Nome	FILOSOFIA COM CRIANÇAS (UERN)
Ementa	Estudo dos princípios e fundamentos teóricos e práticos que envolvem a proposta de filosofia para/com crianças. Práticas metodológicas de filosofia para/com crianças. Dimensão filosófica na prática pedagógica com crianças. Ação de intervenção na instituição escolar.

Já a UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), diferentemente das três anteriores, não possui uma disciplina específica que aborde a filosofia para crianças, entretanto, apresenta o tema dentro da disciplina “Ensino de Filosofia

na Educação Básica”, oferecida no Programa de Mestrado em Ensino na Educação Básica.

Na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), a disciplina “Filosofia para crianças” faz parte da grade de disciplinas optativas da matriz curricular de filosofia, tanto licenciatura quanto bacharelado desde a criação do curso em 2010. Entretanto, a disciplina só foi oferecida duas vezes, no primeiro semestre de 2018 e no primeiro semestre de 2020, pelo Prof. Dr. Marcelo Senna Guimarães, por meio de um misto de aulas expositivas com diálogos, visando a formação de comunidades de investigação. Além disso, também ocorrem aulas feitas seguindo as orientações do programa da Lipman, realizando a leitura de alguns de seus textos, formulação de perguntas pelos estudantes, coordenação da investigação e realização de exercícios de manuais dos programas do Lipman.

Segundo Marcelo, houve uma manifestação de interesse de que a filosofia para crianças fosse incluída como disciplina no Programa de Pós Graduação em Filosofia e Ensino (PPFEN – CEFET/RJ), no entanto, isso ainda não foi concretizado.³

Para discorrermos sobre a abrangência da disciplina Filosofia para Crianças na formação inicial do educador, foram analisadas as grades curriculares e ementas de 184 cursos de pedagogia de instituições públicas de todo o país. Para tal resultado, foi realizada uma pesquisa qualitativa, visando a análise da documentação disponível sobre as disciplinas nos sites das instituições de ensino superior, ou seja, os PPP (Projeto Político Pedagógico) dos cursos de pedagogia, matrizes curriculares de disciplinas obrigatórias e optativas oferecidas pelas instituições e ementas das disciplinas.

A princípio, para tal análise foi realizado um recorte: apenas dados de disciplinas dos cursos de graduação em pedagogia de instituições públicas seriam ponderados.

Tendo definido tal recorte, utilizei o site do SiSU (Sistema de Seleção Unificada) como ponto de partida para a pesquisa das instituições públicas de educação superior. Nessa pesquisa, foram encontradas 184 instituições públicas que oferecem o curso de pedagogia. Então, os sites dessas 184

3 As informações apontadas pelo Prof. Dr. Marcelo Senna Guimarães foram disponibilizadas através de troca de mensagens via Whatsapp e se apresentam neste trabalho com a permissão de Marcelo.

instituições foram visitados a fim de que encontrássemos as informações mencionadas acima.

Dentre os cursos analisados, nove universidades possuem a filosofia para crianças em sua matriz curricular da pedagogia como uma disciplina específica que aborde o tema. São elas:

- Universidade Federal de Alagoas - “Filosofia e Infância”;
- Universidade Federal de Pernambuco (Campus do Agreste Caruaru) - “Tópicos especiais em educação III: Filosofia, infância e educação”;
- Universidade de Pernambuco (Campus Mata Norte) – “Metodologia e prática do ensino de filosofia na educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental”;
- Universidade Estadual do Paraná (Campus União da Vitória) - “Filosofia para crianças nos anos iniciais”;
- Universidade Federal Fluminense (Campus Santo Antônio de Pádua) - “Filosofia com crianças”;
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Campus Seropédica) - “Tópicos especiais em filosofia para crianças”;
- Instituto Federal de São Paulo (Campus Boituva) - “Filosofia para crianças”;
- Universidade de São Paulo (Campus São Paulo) - “Filosofia para crianças: teoria e prática”;
- Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (Campus Araraquara) - “Filosofia para crianças”.

Tais universidades oferecem em seu currículo uma disciplina destinada à formação do(a) educador(a) para o trabalho de filosofia com as crianças em sala de aula, capacitando-os para a sensibilidade de identificar e permitir que as crianças explorem seus pensamentos e opiniões sem julgamentos, afinal, o que importa sempre é o percurso feito para que se chegue à tal reflexão. Segundo Dinis (2011):

Para Lipman a comunidade de investigação é o novo elemento paradigmático que irá dissolver a habitual estrutura educacional, é a introdução de uma nova sala de aula, direcionada para uma educação virada para a investigação. Para John Dewey, se o sistema

educativo fracassou foi por ter cometido um grave erro de categorização: propôs aos alunos aprender soluções já feitas em vez de estudarem os problemas e investigarem por eles próprios. (DINIS, 2011, p. 31).

As as disciplinas de filosofia para crianças das quais tivemos acesso às ementas, oferecidas pelas universidades apontadas acima, apresentam através das bibliografias propostas, o objetivo de que os(as) futuros(as) educadores(as) possuam contato teórico e também vivências práticas com essa filosofia, de maneira que possam incluí-la em sua prática profissional. Podemos notar que todas as ementas disponíveis vão ao encontro de uma problematização das ideias de Matthew Lipman sobre a filosofia para crianças, algumas delas, ainda abordam os novos caminhos que vem tomando a área, como bibliografias contemporâneas sobre o tema.

Um aspecto que me chamou bastante atenção durante a busca dentre as instituições, é que a disciplina de filosofia para crianças aparece como obrigatória apenas na grade curricular da UNESP, sendo oferecida nas outras instituições como optativa e eletiva. Ou seja, a disciplina é oferecida para todos os alunos do curso da mesma maneira, entretanto, não são todos que passarão por esta experiência. Como já foi dito mais acima, a pessoa pode passar pela experiência dessa disciplina, sem ser tocada de maneira alguma por este trabalho, mas possuirá minimamente, ao menos a base teórica deste trabalho. Porém, como uma disciplina optativa ou eletiva, alguns sairão do curso de pedagogia com esta bagagem de conhecimento, e outros não.

Cabe apontar que, sendo a única instituição a oferecer a disciplina de filosofia para crianças como obrigatória em sua grade curricular, a UNESP vem sendo uma pioneira no que se diz respeito ao tema, o reconhecendo como necessário e importante na formação de futuros(as) educadores(as).

Cada instituição descreve a disciplina à sua maneira, ou seja, algumas são bastante detalhadas, com riqueza de informações na descrição dos objetivos, ementa e bibliografia sugerida. Como exemplo disso, podemos citar a ementa da disciplina “Tópicos Especiais em Educação III: Filosofia, infância e educação”, oferecida pela Universidade Federal de Pernambuco, no Campus do Agreste Caruaru, a qual aborda a filosofia para crianças de maneira teórica, contextualizando-a para futuros(as) educadores(as) que, muito provavelmente,

tenham o primeiro contato com o tema através da disciplina. Entretanto, para além disso, também aborda a experiência formativa das crianças por meio do trabalho com essa filosofia no ambiente escolar.

Tabela 2 Ementa da UFPE

Nome	TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO III: FILOSOFIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO (UFPE)
Ementa	Analisa e problematiza a extensão e as possibilidades do ensino de filosofia em contextos não tradicionais, como nos níveis fundamental e infantil. Estuda as alternativas metodológicas para o seu ensino. Reflete sobre as contribuições da crítica e criação filosófica à experiência formativa das crianças na instituição escolar e fora dela. Discute sobre a importância da filosofia, sobretudo como uma prática ou experiência de pensamento, que compreende os seguintes valores: o diálogo; a investigação constante; a liberdade para pensar o ainda não pensado e a diferença.

Já outros programas se atêm apenas à uma ementa bem explicada e estruturada sobre o intuito da disciplina. Como exemplo desse currículo mais sucinto e voltado com maior ênfase aos principais textos de referência para o tema, podemos citar a ementa da disciplina “Filosofia para crianças nos anos iniciais”, oferecida pela Universidade Estadual do Paraná, Campus União da Vitória, a qual podemos perceber pela sua apresentação no currículo, que é voltada mais ao aspecto teórico da filosofia para crianças, ou seja, deixando em maior evidência a formação do educador para atuar nessa área, e não o resultado propriamente dito deste trabalho com as crianças.

Tabela 3 Ementa da UNESPAR

Nome	FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS (UNESPAR)
Ementa	A comunidade de investigação filosófica nos anos iniciais: seus pressupostos éticos, epistemológicos, estéticos, políticos e pedagógicos.

Podemos notar que as ementas basicamente dividem-se em dois aspectos: as que visam as percepções teóricas da filosofia com crianças e as

que abordam, além das percepções teóricas, a prática propriamente dita com as crianças em sala de aula e a formação do professor para tal.

Entretanto, devemos ressaltar aqui que as diferenças apontadas entre as ementas se dão por conta de, além de diferentes perspectivas dos professores responsáveis, algumas vezes, também por um modelo estipulado pelas instituições para que todas as ementas dos programas sigam um tipo de padrão e não destoem entre si.

3.1 Disciplinas de filosofia para crianças: conceito

Analisando todas as ementas disponíveis, nota-se que algumas universidades abordam o conceito de filosofia para crianças, perpassando pelas ideias de Matthew Lipman e também as principais referências sobre o tema.

Entretanto, todas se voltam para os principais aspectos da filosofia para crianças, apresentando menos diversidade de conteúdos e referências que as outras ementas.

Universidade Federal de Alagoas

Tabela 4 Ementa da UFAL

Nome	FILOSOFIA E INFÂNCIA
Ementa	Discussões teóricas sobre os temas que envolvem a Filosofia e a Infância, bem como o Ensino de Filosofia com/para Crianças. Infância em afroperspectividade. Infância e Literatura. Filosofia da Infância.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Campus Seropédica)

Tabela 5 Ementa da UFRRJ

Nome	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA PARA CRIANÇAS
Ementa	Gênese da proposta do ensino de filosofia para crianças. O ensino de filosofia para crianças no atual contexto educacional brasileiro. Aportes teóricos e conceituais do ensino de filosofia para crianças. Metodologias do ensino de filosofia para crianças. Experiências e novas possibilidades de ensino de filosofia para crianças. A formação de professores para atuar no ensino de filosofia para crianças.

Juntamente com as ementas apontadas acima, encontra-se também a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), já apontada no tópico anterior.

Apesar de as disciplinas oferecidas por essas universidades serem pautadas em bibliografias mais “enxutas”, bibliograficamente todas cumprem o papel ao qual são destinadas: introduzir a filosofia para crianças às turmas de pedagogia.

Assim, proporcionam uma base teórica para que os futuros professores possam oferecer e conduzir com maior segurança, pautando-se em embasamento teórico suas aulas de filosofia com as crianças.

Cabe destacar que não pretendemos, neste trabalho, analisar as ementas com intuito de separação entre “fortes e fracas” ou “boas e ruins”, até porque todas cumprem com seu propósito inicial que é o primeiro contato com a filosofia para crianças aos futuros educadores dos cursos de pedagogia.

3.2 Disciplinas de filosofia para crianças: da teoria à prática

Das ementas disponíveis, podemos notar que a Universidade Federal de Pernambuco (Campus do Agreste Caruaru); o Instituto Federal de São Paulo (Campus Boituva); a Universidade de São Paulo (Campus São Paulo) e a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus Araraquara) apresentam informações bastante detalhadas e esclarecedoras sobre o programa da disciplina que oferecem, como podemos notar nas tabelas abaixo:

Universidade Federal de Pernambuco (Campus do Agreste Caruaru)

Tabela 6 Ementa da UFPE

Nome	TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO III: FILOSOFIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO
Ementa	Analisa e problematiza a extensão e as possibilidades do ensino de filosofia em contextos não tradicionais, como nos níveis fundamental e infantil. Estuda as alternativas metodológicas para o seu ensino. Reflete sobre as contribuições da crítica e criação filosófica à experiência formativa das crianças na instituição escolar e fora dela. Discute sobre a importância da filosofia, sobretudo como uma prática ou experiência de pensamento, que compreende os seguintes

	valores: o diálogo; a investigação constante; a liberdade para pensar o ainda não pensado e a diferença.
--	--

Instituto Federal de São Paulo (Campus Boituva)

Tabela 7 Ementa do IFSP

Nome	FILOSOFIA PARA CRIANÇAS
Ementa	A disciplina aborda a proposta “Filosofia para crianças”, de Matthew Lipman. Analisa a relevância do filosofar na infância e reflete sobre a relação entre o lúdico e a atividade filosófica. Expõe o projeto de Lipman com o intuito de compreender sua metodologia e as possibilidades alternativas do ensino de filosofia na formação da criança

Universidade de São Paulo (Campus São Paulo)

Tabela 8 Ementa da USP

Nome	FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: TEORIA E PRÁTICA
Ementa	Apresentar a proposta de Filosofia para Crianças, originalmente desenvolvida por Matthew Lipman, em seus aspectos teóricos e práticos. - Compreender as críticas que se podem fazer à proposta de Filosofia para Crianças, a partir das definições de infância e de Filosofia. - Investigar as possibilidades de práticas didáticas e pedagógicas que tenham seu fundamento na apresentação da Filosofia, em seu caráter da atividade, às crianças do Ensino Fundamental. - Subsidiar os/as alunos/as com um repertório mínimo de atividades para uso em sala de aula.

UNESP (Campus Araraquara)

Tabela 9 Ementa da UNESP

Nome	FILOSOFIA PARA CRIANÇAS
Ementa	A proposta “Filosofia para Crianças” de Matthew Lipman. Raciocínio lógico e raciocínio criativo. Metodologia, fundamentos teóricos e currículo do programa. Filosofia para crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Proposta de material alternativo. Filosofia para crianças e Literatura Infantil. Filosofia e escola.

Todas elas abordam aspectos essenciais para o trabalho da filosofia para crianças em sala de aula, tendo como ponto de partida as ideias de

Matthew Lipman. Entretanto, seguem para além de abordar apenas a teoria e seus desdobramentos.

De todas essas, a disciplina que posso falar com maior propriedade é “Filosofia para crianças”, ofertada ao curso de pedagogia da UNESP Araraquara como disciplina obrigatória da grade curricular, pois frequentei de maneira online, por conta da pandemia de Covid 19, as aulas no decorrer do segundo semestre de 2020.

Neste mesmo sentido, podemos notar que as ementas citadas acima possuem direcionamentos similares a este, pois todos abordam a essência da filosofia para crianças e também maneiras e possibilidades do ensino dessa filosofia, trazendo a formação do professor para atuar com filosofia para crianças como algo importante a ser abordado no espaço aberto pela disciplina. Essa formação do professor consiste em vivenciar a filosofia nas aulas para que, assim, o futuro educador se abra para esta prática e a vivencie com seus futuros alunos. Dessa maneira, podemos dizer que essa formação também visa dar repertório para os futuros educadores, incentivando-os a fazer algo diferente na formação das crianças.

Como afirma Silva (2007), em filosofia para crianças o professor não perde sua importância enquanto educador, ele apenas muda o seu foco, descobre seu “outro” lugar diante do texto, ou seja, sua relação com a literatura se dá de maneira com que compreenda que seu papel é de sujeito promotor da subjetividade, não só em seus alunos, mas em si mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abro aqui um parêntese para dizer que ao longo de minha formação na graduação, não tive contato com a filosofia com crianças, sendo este contato apenas no oitavo período através do PIBID e durante a escrita deste trabalho fui convidada pela minha orientadora Paula Ramos de Oliveira à participar das aulas online (por conta da pandemia que estamos vivendo) de filosofia com crianças, ministrada por ela na UNESP – Araraquara.

Tendo a oportunidade de participar ativamente desta disciplina, pude compreender com mais clareza o que especificamente é trabalhado durante as aulas, visto que até então, a defendia tendo como base os resultados obtidos em sala de aula com as crianças. E, conhecer a disciplina e acompanhar o seu decorrer, trouxe novas perspectivas e novas inquietações diante do tema, confirmando a tese de que os(as) futuros(as) educadores(as) deveriam passar por essa disciplina para que tenham a oportunidade de se tornar, e tornar as crianças com quem trabalhem, pessoas questionadoras, criativas e sensíveis para com o mundo que as cercam e com as situações que se deparem no cotidiano.

Diante do que foi apresentado, coloco aqui um imenso desejo: o de que professores em formação inicial possuam um maior contato com a filosofia para crianças e que possam aproveitar tal oportunidade, que não seja apenas mais uma disciplina em uma grade curricular, e sim uma oportunidade de abertura de um lindo mundo com inúmeras possibilidades, tanto para o(a) professor(a) quanto para as crianças, pois traz resultados imensos no que se diz respeito ao desenvolvimento do senso crítico das crianças. Nas palavras de Dinis (2011):

As crianças devem aprender a pensar por si mesmas. Aprender a pensar por si mesmas leva-as a reflectir e criticar. Isso implica não dependerem de simples informações exterior, sem primeiro investigarem por elas próprias a veracidade dessas informações. A Filosofia para Crianças é um programa que procura essencialmente, estimular as crianças e jovens a pensar bem, a ter um pensamento bem estruturado, isto é, aprender procedimentos que os ajudem a pensar, cada vez mais, de maneira crítica, reflexiva, criativa e autónoma. Este aperfeiçoamento cognitivo deve, na óptica de Lipman, começar desde a mais tenra idade, passando pelas várias etapas do ensino e prosseguir até ao fim da vida. (DINIS, 2011, p. 15).

Para além de uma disciplina em um curso de graduação, a Filosofia para Crianças torna o(a) educador(a) mais sensível ao olhar das crianças para determinados assuntos, buscando no interesse delas um ponto de partida para os mais diferenciados tipos de trabalhos em sala de aula, podendo ir de uma produção de texto até a apresentação de um sarau para a escola toda. Esse movimento, viabiliza o trabalho interdisciplinar, trazendo também para as crianças essa ideia de que as disciplinas não precisam ser trabalhadas separadamente sem nunca apresentarem nenhum ponto onde se encontrem. Nas palavras de Silva (2007):

A proposta de Filosofia para Crianças, transporta o professor, a criança e o texto para espaços diferentes daqueles que estamos acostumados a presenciar na escola. Esses três elementos ocupam lugares novos na educação quando a pensamos com uma educação filosófica. (SILVA, 2007, p. 114).

A filosofia com crianças não precisa ser algo totalmente dissociado do contexto escolar da criança, muito pelo contrário, ela pode tomar estes conteúdos como parte do seu refletir, como parte integrante do seu filosofar.

Importante é que o encontro de filosofia seja imanente ao percurso curricular. O importante é que não seja um currículo separado do currículo escolar. Para tal as narrativas, os exercícios de língua e de matemática, como os de história e geografia fazem parte dos elementos presentes ao encontro. Não se deve obviamente pensar em fazer tudo de uma vez; isso, porém significa que o encontro de filosofia reflete o modo de estar entre os outros, o modo em que se aprende, em suma, como se está na escola e como se aprende. (KOHAN; OLARIETA E WOZNIAK, 2012, p. 200).

Nove instituições públicas em um país tão grande e vasto como o Brasil é um número extremamente pequeno, inviabilizando que a maioria dos(as) educadores(as) formados por universidades públicas tenham acesso aos conteúdos e metodologias apresentados neste trabalho. Entretanto, não devemos ser apenas pessimistas em relação à isso, pois apesar de nove instituições parecer muito pouco diante de tantas opções de cursos de pedagogia em instituições públicas brasileiras, devemos pensar que ao mesmo

tempo que são “apenas nove instituições”, também “já são nove instituições” que oferecem tal formação à seus estudantes.

Sabemos que nas escolas públicas brasileiras, os conteúdos programáticos são preestabelecidos por meio de um currículo, ou seja, o professor deverá cumprir com os objetivos propostos por tal currículo, entretanto, isso não impede que este educador vá além disso em suas aulas.

Um educador comprometido com seu trabalho e com o aprendizado de seus alunos tende a buscar sempre o melhor para oferecer aos seus alunos e um educador que tenha vivenciado plenamente a disciplina de filosofia para crianças em sua formação possui a sensibilidade de extrair o que houver de melhor em tudo e todo conteúdo que oferecer aos seus alunos. Afinal:

A filosofia é concebida de forma muito diferente da filosofia acadêmica dominante em nossas instituições. Ela já não é mais aquela tarefa individual e solitária, introspectiva, reclusa. Não que essa prática de estudo não tenha um lugar na individualidade da vida fora das instituições. Mas, no encontro comum, ela se torna uma prática dialógica, onde o que importa não é quem tem a razão, quem pode citar coisas mais extravagantes ou quem convence quem, mas a investigação coletiva tendente a mostrar a complexidade dos problemas, as diferentes maneiras de focar uma questão ou de pensar um enigma. Na investigação filosófica coletiva o filosofar se volta a uma oportunidade de encontro com o outro, com os outros pensamentos, com os pensamentos dos outros. (KOHAN E OLARIETA, 2012, p. 42).

Nesse sentido, enfatizamos aqui, mais uma vez, a importância de que haja uma maior visibilidade dessa disciplina dentro das instituições de ensino superior públicas (pois foi esse nosso recorte), visando, a longo prazo, a formação de adultos que pensem criticamente desde a infância e que esse exercício de pensar e repensar sobre suas ideias e atos lhes seja algo intrínseco, que ocorra de maneira natural em seu cotidiano.

O diálogo na experiência filosófica só é possível quando todos que dela participam estão diante de um não saber e, juntos, buscam o desconhecido de si e dos outros no exercício de experimentar com, e pensar com, e ser com, e criar com (...). (GOMES, 2012, p. 74).

Mesmo com a pouca institucionalização da filosofia como um todo nos currículos regulares das escolas públicas brasileiras, ainda existem esperanças de que este cenário se modifique, dando o devido valor e o espaço que a filosofia e o filosofar merecem em nossas salas de aula. Como exemplo disso, podemos citar uma experiência da cidade de Cariacica (ES) apontada por Mendes (2020) em sua dissertação:

(...) Mais uma vez destacamos a importância da experiência no município de Cariacica, em que há a inserção de filosofia e ciências sociais no currículo por meio da transversalidade, sob o nome de Práticas de filosofia e ciências sociais. O documento foi constituído por anos de análise, mas se deu em 2012, sendo sistematizado por professores contratados de instituições de ensino de nível superior, mestres e doutores das áreas apresentadas, assim como também por professores do município; se fundamenta na perspectiva histórico-cultural e como referência teórico-filosófica os princípios da gestão democrática e da teoria da emancipação social.

(...) Adentrando o documento, o mesmo descreve no que se refere ao caminho feito para que Práticas de filosofia e ciências sociais se instituíssem que, no ano de 2006 a SEME – Secretaria Municipal de Educação contrata, por meio de concurso público, seis professores de filosofia e ciências sociais que constituem o GT – Grupo de Trabalho – sendo este responsável por iniciar o processo de inclusão das disciplinas no município. Ao longo dos anos, também por meio de concurso público, mais profissionais são contratados para formar o quadro de profissionais. Nesta trajetória de construção do documento e de todo o processo pelo qual a filosofia e as ciências sociais se constituíram e se constituem no município, podemos notar sempre a presença de educadores da área de ensino abordada, o que nos mostra a valorização dos mesmos no processo de constituição do documento. (MENDES, 2020, p. 73-74).

Dentro deste modelo proposto na cidade de Cariacica, as “Práticas de filosofia e ciências sociais” não são colocadas como uma disciplina na grade curricular, mas sim trabalhadas de maneira transversal, perpassando pelas disciplinas regulares por meio da interdisciplinaridade.

Este movimento realizado pelo município de Cariacica é pioneiro e de extrema importância para que outros municípios se espelhem neste trabalho e também adotem a filosofia e as ciências sociais com as crianças. Além de todos os benefícios aqui já descrito para as crianças, seria muito importante para o educador no que diz respeito a valorização profissional, visto que, em Cariacica há concurso público para se assumir tal cargo, o que, de certa

maneira, disseminaria educadores voltados ao tema por diferentes municípios brasileiros.

O trabalho com as crianças desenvolvido no município de Cariacica, vem ao encontro da maneira como descrevemos a filosofia com crianças nos tópicos desta dissertação, ou seja, um movimento transversal, que perpassa por todos os outros âmbitos da educação, não os observando como “ilhas” que são isoladas e não conectam-se entre si.

Levando em conta tudo que foi dito até então, o ato de se trabalhar a filosofia com crianças nas salas de aula brasileiras, enriquece o trabalho do(a) educador(a) e, principalmente, o aprender, questionar e se impor criticamente que é permitido aos educandos, seja qual for sua idade, afinal, a criança não é um “protótipo” de um adulto, muito pelo contrário, a criança está vivendo uma fase importante de sua vida, fase essa que deve ser respeitada e reconhecida como importante para o desenvolvimento integral de um ser humano saudável física e emocionalmente no futuro.

Segundo Silva (2007):

Diferentemente de infantilizar o professor e adultizar a criança, pensamos que a idéia do professor estar sempre em formação por meio da experiência filosófica, faz com que ele também se sinta como um aluno, pronto a aprender e a mudar, diante do novo. Mais interessante do que tentar moldar as crianças para que sejam como adultos, podemos propor que alunos e professores busquem no processo filosófico descobrir a si mesmos e suas infâncias como lugares repletos de saberes novos e reveladores. (SILVA, 2007, p. 154)

Apontamos neste trabalho, instituições que se dispuseram a oferecer em sua grade curricular a disciplina de filosofia para crianças, formando futuros educadores para o exercício dessa prática em sala de aula, ou como já apontamos anteriormente, para sua própria formação, sem a obrigatoriedade de estar atuando em sala de aula. Entretanto, não defendemos que a filosofia para crianças seja apenas uma disciplina incluída no currículo escolar de crianças da educação infantil e do ensino fundamental, almejamos que a formação de professores em filosofia para/com crianças seja cada vez mais disseminada para que, além de uma disciplina, seja uma prática adotada e, a cada dia mais enraizada no trabalho de educadores para com as crianças.

Tendo em vista a falta de referências diretas ligadas ao tema dessa dissertação, assinalamos que seria importante para pesquisas futuras da área uma análise aprofundada sobre a filosofia com crianças fora da universidade, propriamente dita, ou seja, uma pesquisa que aborde o ensino, pesquisa e extensão proposto por diferentes instituições no que diz respeito à área de filosofia para/com crianças.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. A. **semiformação e educação. Educação e emancipação**, SciELO Brasil, Tradução por Wolfgang Leo Maar, 1995.
- DINIS, Carlos Manuel dos Santos Jacinto. **O que é a Filosofia para crianças: Programa de Matthew Lipman**, Covilhã, 2011.
- GOMES, Vanise Dutra. **Filosofia com crianças: caminho para o pensar transformador na escola**. In: A escola pública aposta no pensamento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- KOHAN, Walter Omar. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. In: Revista Educação Pública. DOI: 10.18264/REP. 2002.
- KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana; WOZNIAK, Jason. **Repensando, com outras vozes, os sentidos de filosofar**. In: A escola pública aposta no pensamento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai á Escola**, São Paulo, Summus Editorial, 1990.
- MENDES, Bruna Ribeiro de Oliveira. **Ciências Sociais na Infância: Contribuições para se ler o mundo**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” - UNESP. Araraquara, 2020.
- OLARIETA, Beatriz Fabiana. **Das coisas maravilhosas. O cuidado do tempo na prática de filosofar na escola**. In: A escola pública aposta no pensamento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- OLIVEIRA; BADIA; FÁVARI E SÔNEGO. **Encontrar filosofia(s) e infância(s)**. In: Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.2., n.2 – jul./dez. 2016.
- OLIVEIRA, Paula Ramos de. **À procura de (nossas próprias) palavras: filosofia e subjetividade**. In: childhood & philosophy, rio de janeiro, v.7, n. 14, jul.-dez 2011 pp. 233-249.
- OLIVEIRA, Paula Ramos de. **Filosofar na Formação de Professores: Experiências na afirmação da escola como lugar de escuta, formação e abertura de mundos**. In: revista do NESEF a filosofia na educação de crianças e jovens, v. 8 – n. 2 – ago./dez. 2019 pp. 42-48.
- OLIVEIRA, P. R. D. **Experimentar a filosofia: notas sobre a presença da filosofia entre crianças e adultos a partir de um curso de pedagogia**. 2º Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia., 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidades e saberes na docência**. In: _____. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15-34.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. [S.l.]: Autêntica, 2002.

SILVA, Vânia Mesquita Trindade. **Formação Docente em Filosofia Para Crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” - UNESP. Araraquara, p. 200. 2007.

SOUZA, T. S. de. **O ensino de filosofia para crianças na perspectiva de matthew lipman**. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2013.

ANEXOS

Anexo A – Ementa da disciplina “Filosofia e Infância” - (UFAL)

Filosofia e Infância				
CÓD.	CHS 02	CHT 36	CHP -	CH 36
<p>EMENTA: Discussões teóricas sobre os temas que envolvem a Filosofia e a Infância, bem como o Ensino de Filosofia com/para Crianças. Infância em afroperspectividade. Infância e Literatura. Filosofia da Infância.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>KERLAN, Alain. Criança filósofa? Criança artista? A modernidade de J. J. Rousseau O Emílio e a “partilha do sensível”. In: MATOS, Junot C.; COSTA, Marcos Roberto Nunes (org.). Ensino de Filosofia: questões fundamentais. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014. KOHAN, Walter O. Filosofia para crianças. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.</p> <p>LIPMAN, Matthew. A Filosofia vai à escola. São Paulo: Summus, 1990.</p> <p>NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectividade. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, n. 31, mai./out. 2019, p. 53-70.</p> <p>OLIVEIRA, Paula Ramos de. Filosofia para a Formação da Criança. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.</p> <p>OLIVEIRA, Paula Ramos de. Criança, filosofia e literatura. Educação e Cultura Contemporânea, v. 5, n. 9, 2008, p. 193-202. SALLES, Conceição Gislane N. Filosofia e Infância: um encontro possível? ChildhoodΦlosophy, v. 5, n. 9, 2009, p. 31-52.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>AGAMBEN, Giorgio. Infância e História: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.</p> <p>ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.</p> <p>KOHAN, Walter. O. Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de Filosofia e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.</p>				

**Anexo B – Ementa da disciplina “Tópicos Especiais em Educação III:
Filosofia, Infância e Educação” (UFPE)**

**TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO III: FILOSOFIA, INFÂNCIA E
EDUCAÇÃO**

Esta disciplina consta com a Ementa: “Analisa e problematiza a extensão e as possibilidades do ensino de filosofia em contextos não tradicionais, como nos níveis fundamental e infantil. Estuda as alternativas metodológicas para o seu ensino. Reflete sobre as contribuições da crítica e criação filosófica à experiência formativa das crianças na instituição escolar e fora dela. Discute sobre a importância da filosofia, sobretudo como uma prática ou experiência de pensamento, que compreende os seguintes valores: o diálogo; a investigação constante; a liberdade para pensar o ainda não pensado e a diferença.”

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LORIERI, Marcos Antônio. Filosofia no ensino fundamental: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. 231 p.

KOHAN, Walter Omar. Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 95 p. _____. Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 184 p.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Paula. Filosofia para a formação da criança. São Paulo: Thompson, 2004. 237p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DELEUZE, Gilles,; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia?. 2. ed. -. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. 279 p.

LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida.; KOLLER, Sílvia Helena (Org.) Infância brasileira e contextos de desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Ed. da UFBA, 2002. 256 p.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Filosofia: volume único. 2.ed. São Paulo: Ática, 2008. 280 p. 97

KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro (Org.). Filosofia na escola pública. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. _____.

KOHAN, Walter Omar. Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 176p.

**Anexo C – Ementa da disciplina “Metodologia e prática do ensino de filosofia na educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental”
(UPE)**

Apesar de constar na grade curricular do curso de pedagogia da Universidade de Pernambuco (Campus Mata Norte), a ementa da disciplina “Metodologia e prática do ensino de filosofia na educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental” não encontra-se disponível no site da universidade, assim como o PPP do curso e a ementa de qualquer outra disciplina, estando apenas disponível para possíveis consultas a grade curricular do curso.

Anexo D – Ementa da disciplina “Filosofia para crianças dos anos iniciais” (UNESPAR)

DISCIPLINA:	FILOSOFIA PARA CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS		
C/H TOTAL:	30		
C/H TEÓRICA: 30	C/H PRÁTICA: -	C/H EXTENSÃO: -	C/H SEMIPRESENCIAL: -
<p>EMENTA: A comunidade de investigação filosófica nos anos iniciais: seus pressupostos éticos, epistemológicos, estéticos, políticos e pedagógicos.</p> <p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA: CHAUI, Marilena de Souza. Convite à filosofia. 12.ed. São Paulo: Ática, 2001. KOHAN, Walter Omar. Filosofia para crianças. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. LELEUX, Claudine. Filosofia para crianças. Porto Alegre: Artmed, 2008.</p> <p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR: DELEUZE, Gilles. O que é a filosofia? 2.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009. GUEDES, A.J.O; REGO, M.A.S. Filosofia para crianças no contexto educativo português. Subsídios para uma proposta. In: Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação, n.º 58/3 – 15/03/12. LIPMAN, Matthew. A filosofia na sala de aula. 3.ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. LIPMAN, Matthew. A filosofia vai à escola. São Paulo: Summus, 1990. PRADO JÚNIOR, Caio. O que é filosofia. São Paulo: Brasiliense, 2006. THOMAL, Alberto. Novo espaço filosófico criativo. 6.ed. Florianópolis: Sophos, 2009.</p>			

Anexo E – Ementa da disciplina “Filosofia com crianças” (UFF)

A disciplina optativa se apresenta como indisponível no site da Universidade Federal Fluminense, tendo como justificativa a falta de professor alocado para a mesma. Sendo assim, não há a ementa da disciplina disponível.

Anexo F – Ementa da disciplina “Tópicos especiais em Filosofia para Crianças” (UFRRJ)

Tipo do Componente Curricular:	DISCIPLINA
Modalidade de Educação:	Presencial
Unidade Responsável:	DEPARTº TEORIA E PLANEJAMENTO DE ENSINO/IE (12.28.01.00.00.00.24)
Código:	IE613
Nome:	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA PARA CRIANÇAS
Pré-Requisitos:	-
Co-Requisitos:	-
Equivalências:	-
Matriculável On-Line:	Sim
Horário Flexível da Turma:	Não
Horário Flexível do Docente:	Sim
Obrigatoriedade de Nota Final:	Sim
Pode Criar Turma Sem Solicitação:	Sim
Necessita de Orientador:	Não
Possui Subturmas:	Não
Exige Horário:	Sim
Quantidade de Avaliações:	-
Ementa/Descrição:	Gênese da proposta do ensino de filosofia para crianças. O ensino de filosofia para crianças no atual contexto educacional brasileiro. Aportes teóricos e conceituais do ensino de filosofia para crianças. Metodologias do ensino de filosofia para

	crianças. Experiências e novas possibilidades de ensino de filosofia para crianças. A formação de professores para atuar no ensino de filosofia para crianças.
--	--

Anexo G – Ementa da disciplina “Filosofia para Crianças” (IFSP)

154 CÂMPUS Boituva		
<p>1- IDENTIFICAÇÃO</p> <p>CURSO: Licenciatura em Pedagogia</p> <p>Componente Curricular: Filosofia para crianças</p>		
Semestre: (*) Eletiva	Código: FCRPE	
Nº aulas semanais: 2	Total de aulas: 40	Total de horas: 33,3
Abordagem Metodológica: T () P () (x) T/P	Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de informática	
<p>2-EMENTA:</p> <p>A disciplina aborda a proposta “Filosofia para crianças”, de Matthew Lipman. Analisa a relevância do filosofar na infância e reflete sobre a relação entre o lúdico e a atividade filosófica. Expõe o projeto de Lipman com o intuito de compreender sua metodologia e as possibilidades alternativas do ensino de filosofia na formação da criança.</p>		
<p>3- OBJETIVOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Adquirir noções básicas que permitam compreender e exercitar o caráter crítico e reflexivo da filosofia; • Compreender os principais conceitos da Proposta "Filosofia para Crianças", de Matthew Lipman; • Compreender as possibilidades do ensino de filosofia na formação da criança; • Refletir sobre a relevância filosófica do lúdico na educação infantil como propedêutico ao ensino de filosofia. 		

4- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. A experiência do filosofar;
2. Rancière e a crítica da suficiência racional;
3. Filosofia e infância;
4. A natureza do lúdico e sua relevância para educação infantil;
5. Reflexões sobre o lúdico como propedêutica ao ensino de filosofia;
6. Programa "Educação para o pensar" de Matthew Lipman: contribuições e críticas para o ensino de filosofia;
7. Influências de Sócrates, Dewey e Paulo Freire no pensamento de Lipman;
8. A construção da comunidade de Investigação;
9. O pensamento crítico, criativo e cuidadoso;
10. O diálogo como "ferramenta" do filosofar;
11. A narrativa nas novelas filosóficas de Lipman e os manuais do professor;
1. 12. Novelas filosóficas para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental.

5- BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

KOHAN, W.O. Filosofia para Crianças. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

CUNHA, J. A. Filosofia na educação infantil: fundamentos, métodos e propostas (Coleção Educação em debate). 2ª ed. Campinas: Alínea, 2005.

LIPMAN, M. A filosofia vai à escola. 3ª Ed. São Paulo: Summus, 1990.

6- BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.

2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

CHAUÍ, M. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2010.

KOHAN, W. (Org.) Lugares da infância: filosofia. (Coleção Sócrates). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

OLIVEIRA, Paula Ramos de. Filosofia para a formação da criança. São Paulo: Editora Thomson Learning, 2004.

PAGNI, Pedro Â.; DA SILVA, José D. (Orgs.) Introdução à Filosofia da Educação: temas Contemporâneos e História.

São Paulo: Avercamp, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.

Tradução Lilian do Valle. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SILVEIRA, R.J.T. A filosofia vai à escola? Estudo do "Programa de filosofia para crianças"

de Matthew Lipman. Campinas, SP s.n., 1998. Tese/Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/code=000364816&fd=y>

Acesso em: 21/03/2016.

**Anexo H – Ementa da disciplina “Filosofia para Crianças: Teoria e prática”
(USP)**

<p>Faculdade de Educação Filosofia da Educ e Ciências da Educ</p> <p>Disciplina: EDF0732 - Filosofia para Crianças: teoria e prática</p> <p>Philosophy for children: theory and practice</p>
<p>Créditos Aula:4</p> <p>Créditos Trabalho:0</p> <p>Carga Horária Total:60 h</p> <p>Tipo: Semestral</p> <p>Ativação:15/07/2017Desativação:</p>
<p>Objetivos-</p> <p>Apresentar a proposta de Filosofia para Crianças, originalmente desenvolvida por Matthew Lipman, em seus aspectos teóricos e práticos. - Compreender as críticas que se podem fazer à proposta de Filosofia para Crianças, a partir das definições de infância e de Filosofia. - Investigar as possibilidades de práticas didáticas e pedagógicas que tenham seu fundamento na apresentação da Filosofia, em seu caráter da atividade, às crianças do Ensino Fundamental. - Subsidiar os/as alunos/as com um repertório mínimo de atividades para uso em sala de aula.</p>
<p>Docente(s) Responsável(eis)1246883 - Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio</p>
<p>Programa Resumido</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman: apresentação e histórico 2. Filosofia para crianças? Filosofia com crianças? Filosofia & crianças? 3. Fundamentos teóricos, premissas práticas. 4. A função da linguagem: a narrativa. 5. O questionamento

6. O diálogo
7. A Comunidade de Investigação. 8. Filosofia, infância e educação.

Programa

1. O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman: apresentação e histórico.
 - a. O Pragmatismo de J. Dewey como ponto de partida.
 - b. A virada lingüística como condição de possibilidade.
2. Filosofia para crianças? Filosofia com crianças? Filosofia & crianças?
 - a. É possível à criança atuar na Filosofia?
3. Fundamentos teóricos, premissas práticas.
 - a. A ideia de autocorreção, das ciências à comunidade ética.
 - b. Recontar, reescrever, redescrever: colocar-se no lugar do outro (discursivamente, ao menos).
 - c. A ideia de pensamento rigoroso.
4. A função da linguagem: a narrativa.
 - a. As novelas filosóficas.
 - b. Com as crianças, filosofar com estórias, não historiar a Filosofia.
5. O questionamento
 - a. O início da Filosofia e o princípio da argumentação e da narrativa.
6. O diálogo
 - a. Construir coisas com palavras – e com palavras de outras pessoas.
7. A Comunidade de Investigação.
 - a. O modelo de investigação em comunidade: ciência, filosofia e autocorreção.
8. Filosofia, infância e educação.
 - a. O que pode ser a Filosofia para Crianças – e o que ela não pode ser.
 - i. Modelos diversos do trabalho de Filosofia para/com crianças.
 - b. Contribuições da Filosofia para Crianças para o professor da Educação Básica.

Avaliação

Método

Leitura dirigida. Atividades práticas em sala.

Critério

Participação nas atividades em sala de aula. Uma avaliação dissertativa, ao final da disciplina.

Norma de Recuperação

Prova final sobre o conjunto de textos abordados em sala de aula, de acordo com o calendário acadêmico da USP.

Bibliografia-

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

AIUB, Mônica. Filosofia Clínica e Educação. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2005.

ARENDT, Hannah. A Condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. Entre o Passado o Passado e o Futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. A Vida do Espírito; o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. SP: Editora Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores).

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ministério da Educação. 1999.

BUNNIN, Nicholas; Tsui-James, E.P. Compêndio de Filosofia. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

CARTOLANO, M.T.P. Filosofia no ensino de 2º grau. São Paulo: Cortez ed.

Associados, 1985.

CASTRO, Eder Alonso; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Paula. (Orgs.). Educando para o pensar. São Paulo: Pioneira. Thomson Learning, 2002

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2005.

CHAUÍ, Marilena, FERES, Olgária, SILVA e LEOPOLDO, Franklin, MARICONDA, Pablo Ruben, OLIVEIRA, Armando Mora, NASCIMENTO, Milton Meira, ASSIS, Jesus Eugênio de Paula, PLASTINO, Caetano Ernesto, NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro, WATANABE, Lygia. Primeira Filosofia. São Paulo. Editora Brasiliense, 1984.

Coleção Filosofia para Crianças em Debate. SP: Cortez, 1999. - COLLI, Giorgio. O Nascimento da Filosofia. Trad. Federico Carotiti. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

COMTE-SPONVILLE, André. Uma Educação Filosófica. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001. - COSTA, L. A. Contribuição à história das idéias no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

DANIEL, Marie-France. A filosofia e as crianças. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DESCARTES, Discurso do Método, São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores).

DEWEY, John. Democracia e educação. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1959.

_____, Escritos Seletos. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores).

DINIS. Carlos Manuel dos Santos Jacinto. O que é a Filosofia para crianças: Programa Mathew Lipman. Mestrado. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2011.

FOLSCHEID, Dominique, WUNENBURGER, Jean-Jacques. Metodologia filosófica. São Paulo: Martins Fontes, 2002. - FREIRE. Paulo. Pedagogia do Oprimido. São

Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996. - GALLO, Sívio e KOHAN, Walter (orgs.). Filosofia no Ensino Médio. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

_____, Sívio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (orgs.). Filosofia do Ensino de Filosofia. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

_____, Sívio. Ética e cidadania: caminhos da filosofia. Campinas: Editora Papirus, 2003. - GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. GOERING. Sara, SHUDAK. Nicholas J., WARTENBERG. Thomas E. Philosophy in Schools: An Introduction for Philosophers and Teachers. London: Routledge, 2013.

HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. Pensamento pós-metafísico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HEIDEGGER, Martin. Que é isto - a filosofia? São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. Qu'appellet-on penser? In: Buzzi A. R. Introdução ao Pensar. Ed. Vozes, Petrópolis, 1985. - JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo: Herder, 1984. Trad. Artur M. Parreira.

JAMES, William. Textos Seletos. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores).

JASPERS, K. Introdução ao pensamento filosófico. São Paulo: Cultrix, 1965. - KANT, I. Crítica da Razão Pura, São Paulo, Coleção OS PENSADORES, Editora Abril Cultural, 1972.

_____. Fundamentação da Metafísica dos Costumes, Porto, Edições 70, 1980.

_____. Resposta à pergunta: que é esclarecimento? Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Sobre a Pedagogia. Piracicaba: Unimep, 1996.

KOHAN, Walter Omar; CERLETTI, Alejandro. A Filosofia no Ensino Médio. Trad.

Norma Guimarães Azeredo

Brasília: UnB, 1999. - KOHAN, W. O.; WUENSCH, A.M. Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis: Vozes, 1999.

KUHN, T.S. A Estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LIMA, Denise Maria Domingues de. Filosofia para crianças: uma abordagem crítica dentro da filosofia da educação. Mestrado. Braga: Universidade do Minho, 2004.

LIPMAN, Matthew. A filosofia na sala de aula. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1994.

_____. A Filosofia vai à escola. São Paulo: Editora Summus, 1990.

_____. O Pensar na Educação. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

_____. Issao e Guga. Tradução de Sylvia J. Hamburger Mandel. São Paulo: Interação, 1995.

_____. Pimpa. Tradução de Sylvia J. Hamburger Mandel. São Paulo: Interação, 1996. Edição revisada.

_____. A Descoberta de Ari dos Telles. Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone e Maria Elice de B. Prestes. São Paulo: Interação, 1998. Edição revisada.

_____. Luisa. (Novela filosófica para alunos de 13 e 14 anos). Tradução de Ana Luiza Falcone. São Paulo: Interação, 1995.

LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Col. Os Pensadores).

LORIERI, Marcos Antonio. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. A proposta de educação moral no programa de Filosofia para Crianças – educação para o pensar. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE. Número 11: novembro/2008 - abril/2009.

MARTIN. Carme. A Aventura de Pensar. Coleção Filosofia para Crianças. Barueri:

Editora Ciranda Cultural, 2015.

MATTHEUS, G. B. A filosofia e a criança. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NAGEL, Thomas. Uma breve introdução à filosofia. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

NIELSEN NETO, Henrique (org.) O ensino da filosofia no 2º grau. São Paulo: SOFIA Editora SEAF, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. Textos Seletos. SP: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

OLIVEIRA, Paula Ramos de. Tempo(s) e alteridade: a escuta nas aulas de Filosofia com crianças. Educação em Revista, Marília, v. 12, n.01, p. 181-190, jan.jun., 2011.

PEIRCE, C. S. Escritos Seletos. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

PINEDA, Diego Antonio. En torno a la noción de “buenas razones” en “Filosofía para niños”. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE, Número 11: novembro/2008 - abril/2009. PINTO, Maria Jose Vaz; FERREIRA, Maria Luisa Ribeiro (orgs.). Ensinar filosofia? O que dizem os filósofos? Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2015.

PLATÃO, A Defesa de Sócrates. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1972. (Col. Os Pensadores).

REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga – Volume I. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

REED, Ronald. Rebeca. Tradução de Ana Luiza Falcone, Sylvia Hamburger Mandel e Melanie Wyffels. São Paulo: Editora Interação, 1996. (História filosófica para crianças de 5 e 6 anos).

RENDÓN, Martha Lucía Atehortúa. Filosofia para crianças: do desenvolvimento das habilidades do pensar bem à formação de atitudes. Doutorado. Marília: UNESP, 2015.

SALLES. Conceição Gislane Nóbrega Lima de. O Projeto de Filosofia na Escola: Uma

experiência com a prática filosófica na infância. Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SÁTIRO, Angélica e WUENSCH, Ana M. Pensando Melhor - Iniciação ao Filosofar. São Paulo: Saraiva, 1997.

SAVATER, F. Ética para meu filho. São Paulo: Martins Fontes, 2000. - SERRES, Michel. A Filosofia mestiça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVEIRA, Renê. A Filosofia vai à escola?. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman: uma concepção liberal da educação. Rio de Janeiro: Childhood & Philosophy, v.7, n. 13, jan./jun. 2011.

SOFISTE. Juarez Gomes. Filosofia para Crianças e o Ensino da Filosofia. Ética e Filosofia Política do DFIL da UFJF. Vol. 3, no 2- Julho / dezembro, 1998.

SOUZA. Tania Silva de. O ensino de Filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman. UNESP/Marília: Revista Filogênese, Vol. 6, no 2, 2013.

SPLITTER, L.J., SHARP, A.M. Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula. Tradução Laura Pinto Rebessi São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

VOLTAIRE, Textos Seletos, SP: Abril Cultural, 1983. - WILSON, John. Pensar com conceitos. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

Anexo I – Ementa da disciplina “Filosofia para Crianças” (UNESP)

Plano de Ensino

Curso

Licenciatura Plena em Pedagogia

Identificação

Disciplina

CED0240 - Filosofia para Crianças

Unidade

Faculdade de Ciências e Letras

Departamento

Departamento de Ciências da Educação

Créditos

Carga Horária

Seriação ideal

6

T:90

3

Pré - Requisito

Não há

Co - Requisito

Não há

Objetivos

- Compreender os principais conceitos da Proposta Filosofia para Crianças, de Matthew Lipman, bem como outras perspectivas de se fazer filosofia com crianças;
- Relacionar, problematizando, os conceitos de crianças, infâncias, filosofia, experiência, ensinar, aprender.

Conteúdo

1. Fundamentos, metodologia e currículo da proposta de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman
 - a. Influências de Sócrates, Dewey, Pierce e Paulo Freire, entre outros, no pensamento de Lipman
 - b. A construção da comunidade de Investigação.
 - c. O pensamento de ordem superior (crítico, criativo e cuidadoso)

- d. O professor como facilitador da aprendizagem e o papel do texto como mediador.
 - e. O desenvolvimento das mega-habilidades: formação, raciocínio, investigação e tradução
 - f. Diálogo filosófico: questões filosóficas e problematização
 - g. A narrativa nas novelas filosóficas de Lipman e os manuais do professor
 - h. Novelas filosóficas para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental
2. Relações entre filosofia, infância e educação
 - a. A experiência do filosofar
 - b. O ensinar e o aprender
 - c. Rancière e a Crítica da razão explicadora
 - d. A infância em questão
 - e. Filosofia e escola: reflexões sobre a questão do poder
3. Outras perspectivas de se fazer filosofia com crianças
 - a. Três experiências:
 - i. Projeto “Filosofâncias” - Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para Crianças (GEPFC) – FCLAr;
 - ii. Projeto “Filosofia na Escola” (UnB);
 - iii. Projeto “Em Caxias a filosofia em-caixa?”
 - b. Núcleo de Estudos em Filosofia e Infância (NEFI / UERJ)
 - c. As linguagens artísticas nas aulas de Filosofia com crianças
 - d. A formação docente em Filosofia com Crianças.
 - e. Experiências filosóficas em sala de aula

Metodologia

- Aulas expositivas dialogadas; experiências filosóficas; leitura e análise de textos; trabalhos; músicas; filmes.
- Atividade Prática:
- Experiências com a escrita, a leitura e o pensamento nos processos de ensinar e aprender: produção de histórias, poesias, fotos, cartas para crianças, enquetes, músicas e/ou jogos filosóficos; coordenação de

experiências filosóficas com problematização dos aspectos teóricos e práticos dessa coordenação.

Bibliografia

- CUNHA, J. A. Filosofia na educação infantil: fundamentos, métodos e propostas. Campinas, SP: Alínea, 2002. (Coleção Educação em debate)
- KOHAN, W.O. Filosofia para Crianças. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (Coleção Tudo o que você precisa saber sobre...)
- KOHAN, W.O. Infância. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Coleção Educação: experiência e sentido)
- KOHAN, W.O. Infância, estrangeiridade e educação: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Coleção Educação: experiência e sentido)
- KOHAN, Walter Omar. (org.). Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOHAN, Walter Omar. Infância. **Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005
- LARROSA, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LIPMAN, M., SHARP, A.M. e OSCANYAN, F.S. A filosofia na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. In: ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.169-185.
- BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.
- CADERNO LINHAS CRÍTICAS. Dossiê especial: A filosofia e a educação das crianças. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, nº 5 e 6 (julho de 1998). Brasília: UNB, 1998.
- CASTRO, E. A., RAMOS-DE-OLIVEIRA, P. (orgs). Educando para o pensar. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

- CBFC (coord.) A comunidade de investigação e o raciocínio crítico. São Paulo: CBFC, 1995. (Coleção Pensar, v. 1)
- CBFC (coord.). A comunidade de investigação e a educação para o pensa. São Paulo: CBFC, 1996(Coleção Pensar, v.2)
- CBFC (coord.). Reflexões sobre a educação para o pensar. São Paulo: CBFC, 1996. (Coleção Pensar, v. 3)
- CBFC (coord.) A filosofia e o incentivo à investigação filosófica. São Paulo: CBFC, 1997. (Coleção Pensar, v. 4)
- CBFC (coord.) Pensando sobre o pensar. (no prelo - acesso via Internet) (Coleção Pensar, v. 5)
- DEWEY, J. Democracia e educação. São Paulo: Melhoramentos, 1959.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KANT, I. Resposta à pergunta: Que é esclarecimento? In: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1985. (Textos clássicos do pensamento humano/2)
- KOHAN, W.O. e LEAL, B. (orgs.) Filosofia para crianças em debate. Petrópolis:Vozes, 1999 (Série filosofia e crianças, v. IV)
- KOHAN, W.O. e KENNEDY, D. (orgs.) Filosofia e infância: possibilidades de um encontro. Petrópolis: Vozes, 1999 (Série filosofia e crianças, v. III)
- KOHAN, W.O. e GALLO, S. (orgs). Filosofia no ensino médio. Petrópolis: Vozes, 2000. (Série filosofia e crianças, v. VI)
- KOHAN, W.O. e LEAL, B. E RIBEIRO, A. (orgs.) Filosofia na escola pública. Petropolis: Vozes, 2000 (Série filosofia e crianças, v. V)
- KOHAN, W. O. e WASKMAN, V. (org.) Filosofia para crianças na prática escolar. Petropolis: Vozes, 1998. (Série filosofia e crianças, v. II)
- KOHAN, W.O. e WUENSCH, A.M. (org.) Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis: Vozes, 1998 (Série filosofia e crianças, v. I)
- LIPMAN, M. A filosofia vai à escola. São Paulo: Summus, 1990.
- LIPMAN, M. A descoberta de Ari dos Telles. (Coleção Filosofia para crianças) v. 1 e 2. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura S/A, 1987.
- LIPMAN, M. Issao e Guga (Coleção Filosofia para crianças) v. 1 e 2. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura S/A, 1987.
- LIPMAN, M. Luisa (Coleção Filosofia para crianças). São Paulo: Difusão de Educação e Cultura S/A, 1995.

- LIPMAN, M. Pimpa (Coleção Filosofia para crianças) v. 1 e 2. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura S/A, 1985.
- LIPMAN, M. Natasha: diálogos vygotskianos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LIPMAN, M. Mark. United States of America: IAPC, 1986.
- LIPMAN, M. O pensar na educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LIPMAN, M. Maravilhando-se com o mundo (Manual do professor que orienta o trabalho com Issao e Guga) v. 1 e 2. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, 1987.
- LIPMAN, M. Em busca do significado (Manual do professor que orienta o trabalho com Pimpa) v. 1 e 2. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, 1985.
- LIPMAN, M. Investigação filosófica (Manual do professor que orienta o trabalho com a novela A descoberta de Ari dos Telles) v. 1 e 2. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, 1988. 2ª ed.
- LIPMAN, M. Investigação ética (Manual do professor que orienta o trabalho com a novela Luisa). São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para crianças, 1995.
- LORIERI, M. A. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em formação).
- MATTHEWS, G.B. El niño y la filosofía. Mexico: Fondo de Cultura Econômica, 1983.
- OLIVEIRA, P. R. de. Filosofia para a formação da criança. São Paulo: Thomson Learning, 2004.
- OLIVEIRA, P. R. de. Um mundo de histórias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. (Coleção Textos para começar a filosofar).
- PIAGET, J. A epistemologia genética; sabedoria e ilusões da filosofia; problemas de psicologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores)
- REED, R. Rebeca (Coleção Filosofia para crianças). São Paulo: Difusão de Educação e Cultura S/A, 1996.
- SPLITTER, L.J. e SHARP, A. M. Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991

Critérios de avaliação da aprendizagem

Atividades realizadas em sala de aula; elaboração de artigo, trabalho e/ou prova. Atividades realizadas em sala de aula; elaboração de trabalho e/ou prova. Durante o semestre letivo haverá ainda atividades de recuperação que consistirão em leituras orientadas e realização de exercícios dissertativos para retomada dos conteúdos ministrados. Os alunos que obtiverem média inferior a 5,0 e presença mínima de 70% poderão realizar o Exame final e sua nota final do aluno será dada pela média aritmética simples entre a média do período regular e a nota do exame.

Ementa (Tópicos que caracterizam as unidades do programa de ensino)

A proposta “Filosofia para Crianças” de Matthew Lipman. Raciocínio lógico e raciocínio criativo.

Metodologia, fundamentos teóricos e currículo do programa. Filosofia para crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Proposta de material alternativo. Filosofia para crianças e Literatura Infantil. Filosofia e escola.

Aprovação

Conselho Curso 09/05/2017

Cons. Departamental 07/02/2017

Congregação 09/05/2017

Anexo J – Ementa da disciplina “Filosofia para Crianças” (UNIRIO)⁴

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH FACULDADE DE FILOSOFIA – FAFIL PLANO DE CURSO EMERGENCIAL (GRADUAÇÃO)	
Disciplina: FILOSOFIA PARA CRIANÇAS	
Código: HFIOO80	C.H.: 60 h/aula
Curso(s) Atendido(s): Filosofia, Pedagogia	
Docente: Marcelo Guimarães	Matrícula: 1245585
Ementa: Estudo dos textos teóricos e didáticos do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman, assim como das críticas e das reformulações feitas a esse programa, especialmente no contexto brasileiro. Estudo das relações entre infância e filosofia.	
Metodologia: o curso propõe a leitura conjunta de textos, com a participação dos estudantes na indicação de referências, fomentando uma investigação coletiva em torno dos temas sugeridos pela ementa.	
Avaliação: além da presença e participação nas atividades síncronas e da realização de atividades assíncronas, os estudantes devem preparar uma resenha de um texto indicado no curso, podendo estar associada à apresentação e debate sobre seu tema nas aulas ou em atividades extras	
Ferramentas digitais utilizadas: sala de aula do Google Classroom; encontros virtuais no Google Meet; textos digitalizados e indicação de filmes e vídeos; outras ferramentas poderão ser utilizadas conforme a necessidade.	
Bibliografia:	
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL:	
KOHAN, Walter O. Filosofia para crianças. Coleção O que você precisa saber sobre... Rio de Janeiro: DP&A, 2000.	
KOHAN, Walter O.; LEAL, Bernardina (Orgs.). Filosofia para crianças em debate. Coleção Filosofia na Escola, vol. IV. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.	
KOHAN, Walter; OLARIETA, Beatriz Fabiana (Orgs.). A escola pública aposta no pensamento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.	
LIPMAN, Matthew. A filosofia vai à escola. São Paulo: Summus, 1990.	
LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. A filosofia na sala de	

⁴ Disciplina oferecida aos cursos de licenciatura e bacharelado em filosofia da UNIRIO.

Disciplina oferecida aos cursos de licenciatura e bacharelado em

aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LIPMAN, Matthew. O pensar na educação. Petrópolis: Vozes, 1995. LIPMAN, Matthew. A descoberta de Ari dos Telles. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura, 1997.

LIPMAN, Matthew. A descoberta de Ari dos Telles: investigação filosófica. Manual do Professor. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura, 1997.

SÁTIRO, Angélica; WUENSCH, Ana Míriam. Pensando melhor. Iniciação ao filosofar. São Paulo: Saraiva, 1997.

SILVEIRA, Renê José Trentin. A filosofia vai à escola? Contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Campinas: Autores Associados, 2001.

SILVEIRA, Renê José Trentin. Matthew Lipman e a filosofia para crianças: três polêmicas. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR:

CIRINO, Maria Reilta Dantas. Filosofia com crianças: cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina). Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

KOHAN, Walter O.; WUENSCH, Ana Míriam (Orgs.). Filosofia para crianças. A tentativa pioneira de Matthew Lipman. Coleção Filosofia na Escola, vol. I. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

KOHAN, Walter O.; WAKSMAN, Vera (Orgs.). Filosofia para crianças na prática escolar. Coleção Filosofia na Escola, vol. II. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

KOHAN, Walter O.; KENNEDY, David (Orgs.). Filosofia e infância. Possibilidades de um encontro. Coleção Filosofia na Escola, vol. III. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

KOHAN, Walter O.; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro (Orgs.). Filosofia na escola pública. Coleção Filosofia na Escola, vol. V. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

KOHAN, Walter O. (Org.). Lugares da infância na filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter O. (Org.). Devir-criança da filosofia. Infância da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LA TAILLE, Yves de. Ética para meus pais. Campinas/SP: Papyrus, 2011. LORIERI, Marcos. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. Revista: Childhood & Philosophy. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood> NEFI/UERJ: <http://www.filoeduc.org/>